

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 66

Lisboa, 16 de Setembro de 1928

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

**NÃO COMPREM COISA ALGUMA PARA O
INVERNO SEM VISITAREM O MARAVILHOSO**

I.º SALÃO DO OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS promovido pela grande revista feminina

“VOGA” sob o patrocínio da Sociedade Nacional de
Belas Artes e nos seus magníficos Salões.

20 DIAS de festas de luxo e elegância e em que os artigos da especialidade são expostos pelas casas mais categorizadas de Portugal, Espanha e França. — *Reservem-se per- tanto, para ali fazerem as suas compras para a estação de inverno, no que respeita a*

TOILETTES — Os mais suntuosos e chics modelos.
CHAPÉUS DE SENHORA — As últimas criações de Paris.

PELES DAS MAIS FINAS E RICAS — Confeccionadas especialmente para este Salão.

CALÇADO DE SENHORA — Os mais belos modelos das melhores Sapatarias Nacionais.

MALINHAS DE SENHORA — As mais belas, verdadeiras revelações de Arte.

JOALHARIA E OURIVESARIA — Preciosos documentos da Arte Nacional.

AUTOMÓVEIS — Os mais confortáveis Modelos de

1929 com os mais modernos aperfeiçoamentos mecânicos, encomendados especialmente para este Salão.

PIANOS E AUTO-PIANOS — Verdadeiras maravilhas.

GRAMOFONES — A última palavra em sonoridade e nitidez.

PERFUMARIAS E ARTIGOS DE BELEZA — Das mais afamadas casas Nacionais e Estrangeiras, que apresentarão as últimas criações no género.

FRIVOLIDADES DE PARIS — Imitação de Jóias, Aplicações, etc., etc.

**Que agradável será fazer as vossas compras num ambiente de festa
e num meio da mais alta ELEGANCIA**

AO COMERCIO

Marcar um Stand, apresentar a vossa casa no 1.º SALÃO DE OUTONO, é marcar um lugar de Elite entre os vossos concorrentes; a cifra dos vossos negócios aumentará sensivelmente na próxima estação. Poucos Stands restam para marcar.

Todas as informações serão dadas, pelo Director deste Salão, todos os dias na rua Anchieta, 25, das 15 às 18 horas — Telefone C. 1084.

AS PRIMEIRAS CASAS A MARCAR O SEU STAND FORAM:

ALLINE primorosos perfumes.

PHOTO D'ART — HENRI MANUEL, STUDIO G. L. MANUEL FRÈRES, FASHION-PHOTOS, maravilhosos artistas, todos de Paris.

COLUMBIA, gramofones, que apresentarão prodígios no género.

CASA FRANCISCO ANTÓNIO MOREIRA, LTD., cujos papéis pintados e arranjos decorativos causarão entusiasmo.

BASTOS SILVA, LTD. e **PARIS-CHIADO**, os mais afamados criadores de malas de senhora e novidades.

SASSETTI & C., célebre casa de auto-pianos e pianos.

WILLYS KNIGHT, os mais belos e os de mais nome entre os automóveis de luxo.

MARIO DE NOVAIS, de Lisboa, fotos de arte de senhoras e crianças.

HIS MASTER'S VOICE, grandes fabricantes, afamadíssimos, de gramofones e discos, com representante no Porto.

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO “ELITE”, com estabelecimentos em Lisboa e Porto, criadora de modelos formosíssimos de calçado.

“TATA”, um nome que é uma aureola de glória na criação artística de chapéus, negociantes-artistas da rua de S. Nicolau — Lisboa.

COMPANHIAS REUNIDAS DO GAS E ELECTRICIDADE, que instalarão uma cozinha eléctrica ideal, onde um especialista estrangeiro de culinária fará demonstrações práticas permanentes.

FRIGIDAIRE — Os sensacionalíssimos aparelhos de grande luxo e elegância e da maior eficácia para a conservação de doces, alimentos, etc. Representantes Diniz M. Almeida — “Stand” Buick — Avenida — Lisboa.

GRANDES NOVIDADES PARISIENSES — Entre os artigos de luxo que concorrerão, vindos da cidade da Luz, podemos desde já anunciar três novidades sensacionais. Um **VIBRADOR-MASSAGISTA**, verdadeiramente maravilhoso e cujo segredo só no Salão se desvendará, um novo e colossal invento de **TINTURA INDELEVELO DOS CABELOS**, que também se conserva secreto e uma instalação de **TINTURARIA CASEIRA DE TECIDOS RICOS**, com demonstrações práticas.

Estão a fechar contractos casas de fama mundial de Paris e Madrid e outras de primeira classe de Lisboa e Porto.

OS TRIUNFOS GANHOS

— • COM • —

**OS PRODUTOS
SHELL**

**ECÔAM EM TODAS
AS PARTES DO MUNDO**

◆ ◆ ◆ ◆

EM INUMERAS PROVAS DE GRANDE RESPONSABILIDADE EM QUE SE EXIGE O FUNCIONAMENTO PERFEITO DUM MOTOR E UM MAIOR RENDIMENTO, TÊM SIDO ESCOLHIDOS OS

PRODUTOS SHELL

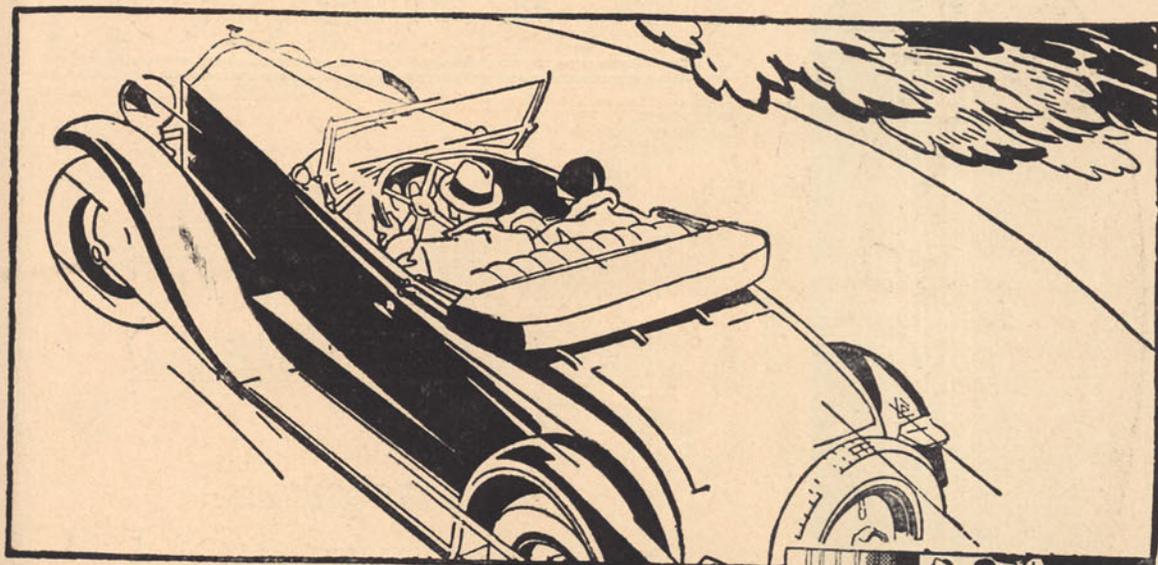
**QUE ESTÃO AFIRMANDO
DEFINITIVAMENTE A
SUA SUPERIOR
CLASSE.**

◆ ◆

**OS PRODUTOS SHELL
ENCONTRAM-SE Á VENDA EM TODAS
AS LOCALIDADES DO PAIZ**

**THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.º^{TD}
RUA DO CRUCIFIXO, 49 - LISBOA**

Correspondendo a todas as exigencias



*O Buick é o carro de luxo aceite
sem reserva pelos homens de
mais destaque social*

QUANDO ao falar de uma pessoa, o elogio surge espontaneo, é porque essa pessoa o merece. Ora, para um automovel, nao ha elogio tao espontaneo como a aceitaçao que tem entre o público. Dos carros de luxo, é o Buick o que tem alcançado maior popularidade, e com isto se diz tudo a seu respeito.

De motor forte e seguro, possui o Buick uma reserva de força capaz de desenvolver uma velocidade de mais de 100 kilometros á hora, e a sua sólida construcão garante-lhe uma longa vida.

Mais comprido e mais baixo que os anteriores, o modelo 1928 é de uma elegancia e de uma distincão dificeis de igualar. O seu luxo interior, a grande comodidade que se lhe deu, e a beleza de côres das suas carroseries, fazem com que seja admirado por todos e em toda a parte.

Visite hoje o stand do concessionário mais próximo. Ali se lhe fará de bom grado uma demonstração do que é este carro.



Para estrada, ou para a vida activa da cidade, é sempre o Buick o preferido

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida

Avenida da Liberdade, 214 e 218

LISBOA

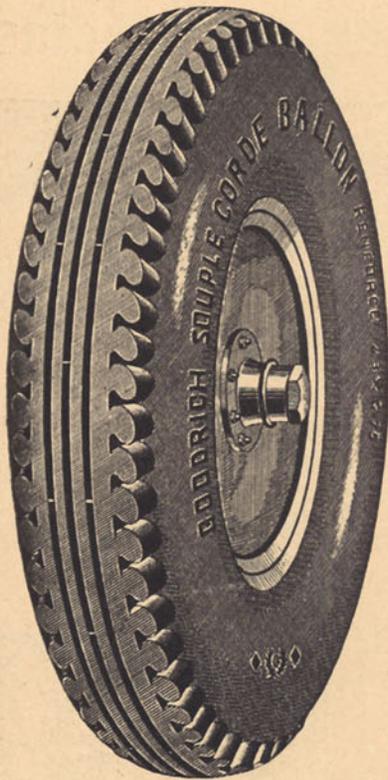
Cunhas & Almeida, Ltda.

Avenida dos Aliados, 75

PORTO

BUICK

General Motors Península S. A.



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

59, Avenida dos Aliados
PORTO

OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

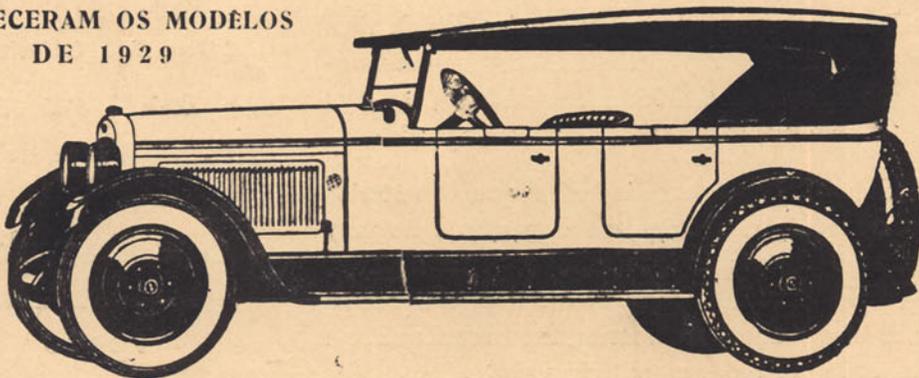
AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO



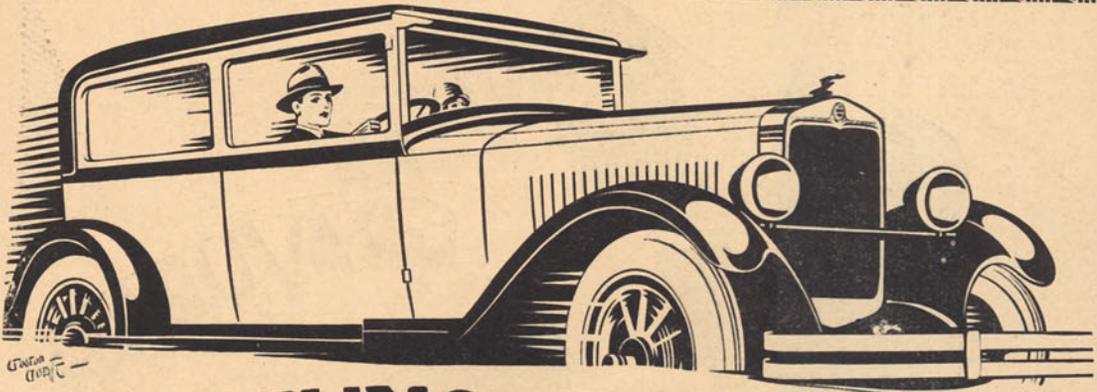
APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO



BOM FUNCIONAMENTO E ECONOMIA.

O novo Erskine Six "Club Sedan" mantém os 100 km. á hora com facilidade, sobe rampas de 11% em prise-directa, e tem no seu activo um brilhante record: 87 km. 047 á hora durante 24 horas, incluindo as paragens.

Sómente os poderosíssimos recursos da Casa Studebaker, tornaram possível a realização do novo Erskine Six "Club Sedan", - carro ligeiro, rapido, tão confortavel como um carro grande, verdadeiramente excepcional em qualidade e funcionamento -, por um preço espantosamente, baixo e com uma manutenção verdadeiramente economica. Em nenhum outro carro de 6 cilindros de luxo, ligeiro, se poderá encontrar, a um tal preço, conforto tão moderno e funcionamento tão perfeito.

6 cil. - 12 HP. - 100 Km. á hora.

Rampas de 11% em prise directa.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LDA

LISBOA .

Rua do Crucifixo 55 a 59

PORTO :

Praça da Liberdade
Edificio da Nacional



STUDEBAKER



8. R. 91.

**TODAS
AS
GRAVURAS**

DA ILUSTRAÇÃO

**SÃO
FEITAS**

**NA
CASA**

**BERTRAND IRMÃOS
L^{DA}**

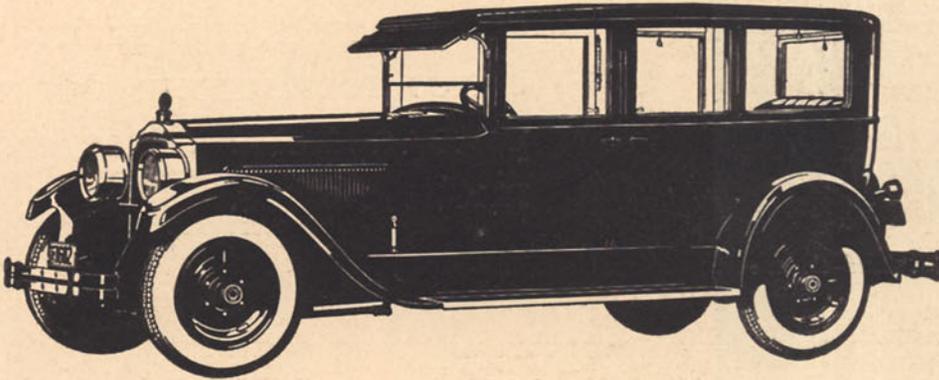
TEL.T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA



PEDIR INFORMAÇÕES E VISITARE O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA—PORTO

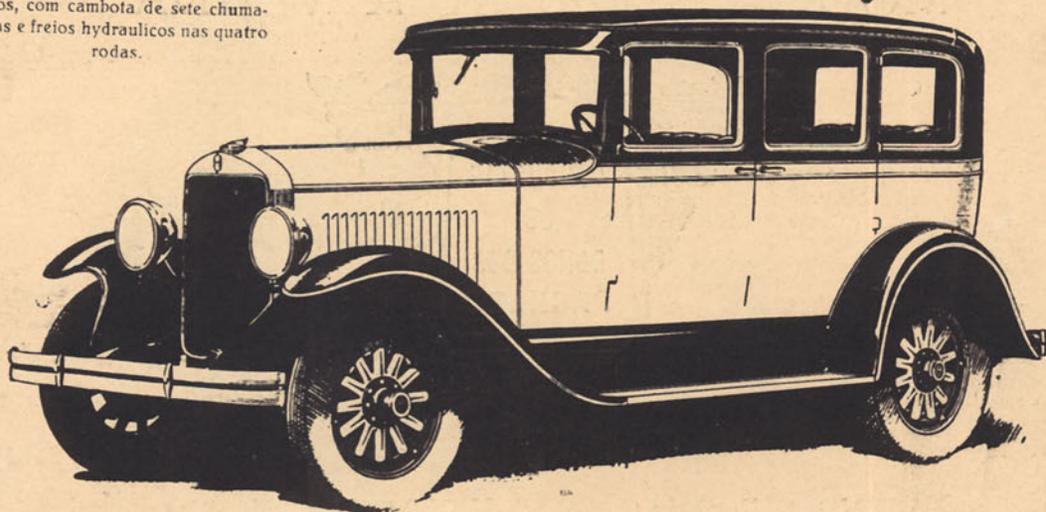
Automoveis de reconhecido merito



Cinco chassis diferentes—de seis e oito cilindros—numa completa variedade de «carrosseries» e em grande escala de preços. Todos os chassis, com excepção do modelo 610, tem caixa de quatro velocidade com duas prises. A gravura mostra o modelo 610, conduite interior de cinco passageiros, com cambota de sete chumaceiras e freios hydraulicos nas quatro rodas.

Os preços que demos aos automoveis da serie completamente nova Graham-Paige estão bem ao alcance da maior parte dos compradores, com quanto estes carros representem por completo a nossa concepção de merito e valor.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



Unico concessionario para Portugal:
J. COELHO PACHECO
21, Avenida da Liberdade
Stand e garage: 90, 92 e 94, Rua Braamcamp
Telefone: Norte 2595
LISBOA

GRAHAM-PAIGE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Provisão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE REÇA

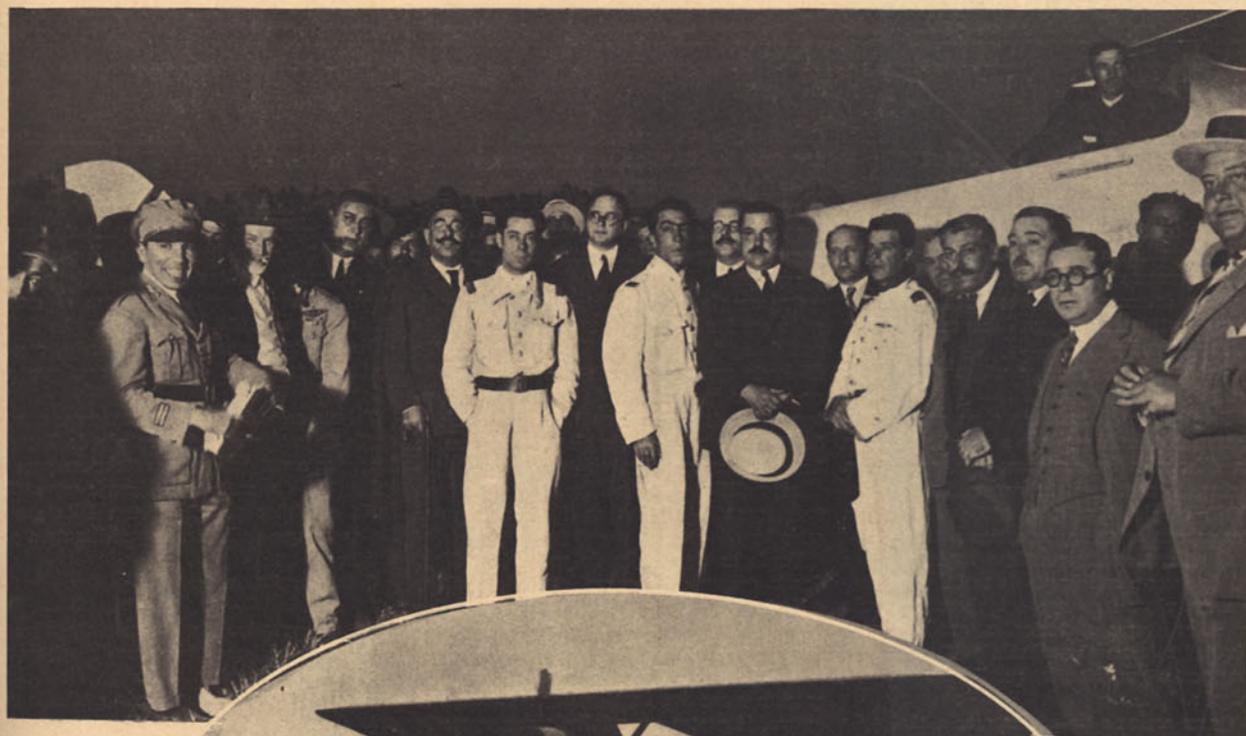
DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :
AILLAUD, L.^{DA}
R. Garrett, 73, 75—Lisboa
ADMINISTRAÇÃO
Rua Anchieta, 25
Telef. C. 1084

ANO 3.º — NÚMERO 66

16 DE SETEMBRO DE 1928



EM CIMA: —
Vai romper a
manhã. Os avia-
dores momentos
antes de entrar
nos aviões



NO OVAL: —
Um instante
único. A parti-
da dum dos
aviões na luz
incerta da ma-
drugada



NA «MISS» DOS OFICIAIS: — O cálice de «Pôrto» da despedida, oferecido pela Associação Comercial e pelo «Diário de Notícias» aos cinsados aviadotes
O «RAID» LISBOA-ANGOLA-MOÇAMBIQUE. — A PARTIDA DOS CAPITÃES PAIS RAMOS E VIRGAS, TENENTE ESTEVES
E MECÂNICO MANUEL ANTÓNIO

(Fotos «Ilustração»).

CRONICA DA QUINZENA

Se a América fizesse parte da *Sociedade das Nações*, não haveria o pacto de Kellog — nem este, nem qualquer outro da mesma índole e visando os mesmos fins, embora com diferente nome.

Os signatários do pacto de Kellog condemnaram o recurso à guerra para regular controvérsias internacionais e renunciam a ela como instrumento de política nacional nas suas relações mútuas.

Tal é, em substância, o artigo primeiro do pacto.

Pelo artigo segundo as altas partes contratantes reconhecem que a solução de todos os diferendos ou conflitos, seja qual for a natureza ou origem que possam ter, que poderão surgir entre elas, não deverá nunca ser procurada senão por meios pacíficos.

O artigo terceiro regula o modo como se há de fazer a ratificação do tratado, que entra em vigor logo que o tenham ratificado as altas partes contratantes, sendo apenas obrigadas à sua observância as Nações, baixas partes contratantes, que lhe derem a sua adesão.

Quem assina o tratado assume a obrigação jurídica de não recorrer às armas para derimirm um conflito de carácter internacional, só recorrendo a meios pacíficos para o resolver satisfatoriamente?

A toda a obrigação jurídica corresponde uma sanção penal, e em nenhum dos tres artigos do tratado se estabelecem sanções.

Não se diga que um compromisso de ordem moral, tomado solenemente à face do mundo inteiro, obriga mais que uma estipulação jurídica, porque toda a gente sabe que isto não é verdade, dum modo geral, nem em relação aos indivíduos, nem em relação às Nações.

Surge um conflito entre duas Nações, ambas signatárias do tratado, e uma delas, menos belicosa do que a outra ou menos bem preparada para a guerra, envereda pelo caminho das soluções pacíficas, ao passo que a outra, intensificando a sua preparação militar, resolve tomar a ofensiva, colhendo todas as vantagens dum ataque inesperado.

Como intervêm, e com que fundamentos jurídicos podem intervir as outras potências signatárias do tratado?

A este respeito o pacto é mudo, guardando de Conrado, conforme o velho prolóquio, o prudente silêncio.

Dir-se-ia perante este pacto, que não existe a *Sociedade das Nações*, também

de invenção americana, desafinada charanga que toca em Genebra, entretoando a curiosidade da plateia, enquanto lá dentro, no palco, corrido o pano, e nos bastidores, se prepara a *mise au point* do grande espectáculo guerreiro, que subirá à scena na hora mais apropriada.

Ora sucede que o pacto de Kellog, assinado em Paris aos 27 de Agosto do ano da paz de 1928, é uma espécie de comprimido do Pacto que também em Paris foi assinado no ano de 1919, aos 28 de Junho, se não estamos em erro, e no qual se estabelecia a Sociedade das Nações, aspiração generosa de Wilson, mercê da qual se organizou um turismo político e diplomático, que não suscitaria grandes reparos se fôsse um pouco mais baratinho.

Tendo os signatários do pacto de Kellog, á parte um ou outro nome, assinado também o Tratado de Versailles — trata-se de Nações e não de pessoas — é natural perguntar se os dois tratados são de índole diversa e visam objectivos diferentes, ou se o de agora procura remediar insuficiências graves dos outros, já postas em evidência pela sucessão dos acontecimentos.

Vejamos.

Pelo artigo 3.º do seu Estatuto a Sociedade das Nações conhece de tudo que afete a paz do mundo, e pelo artigo 8.º os membros da Sociedade reconhecem que a manutenção da paz exige a redução dos armamentos nacionais ao mínimo compatível com a segurança nacional e com a execução das obrigações internacionais impostas por uma acção comum.

Os signatários do pacto de Kellog condemnaram o recurso à guerra e renunciam a ela como instrumento de política nacional nas suas relações mútuas?

Mas há nove anos os signatários do Tratado de Versailles não só reconheciam, para se garantir a paz e a segurança, a necessidade de não recorrer à guerra, mas estabeleciam que a guerra feita por uma Nação a outra, mesmo que nenhuma delas pertença à Sociedade, interessa a esta, *in toto*, devendo por isso tomar as medidas próprias e

atinentes a salvaguardarem eficazmente a paz das Nações.

Há ainda muito de vago nestes dizeres; mas bastante mais vago é o pacto de Kellog, vindo uns poucos de anos depois de constituída a Sociedade das Nações, já reconhecidos todos os defeitos desse organismo, Parlamento que não vale mais que os outros Paramentos, a não ser pela elevação de alguns discursos que ali se proferem, e pela maior compostura dos oradores que ali falam.

Talvez seja difícil e embaraçosa a execução do artigo 16.º do Tratado de Versailles; mas a sanção que elle estabelece para as infracções do pacto, efectuando-se, são a justa e salutar punição d'uma falta grave, tão grave que pode tornar periclitante a paz universal.

O melhor é transerever:

Se um membro da Sociedade recorre á guerra, contrariamente aos compromissos tomados nos artigos 12, 13 ou 15, elle é, ipso facto, considerado como tendo cometido um acto de guerra contra todos os outros membros da Sociedade. Estes comprometem-se a romper immediatamente com elle todas as relações comerciais ou financeiras, a prohibir todas as relações entre os seus nacionais e os do Estado que infringiu o pacto, e fazer cessar todas as comunicações financeiras, comerciais ou pessoais entre os nacionais deste Estado e os de qualquer outro Estado. Membro ou não da Sociedade.

Os signatários do pacto Kellog condemnaram o recurso à guerra, o que pode ser, apenas, a enunciação vaga, imprecisa, dum principio de Filosofia, de Moral ou de Religião, visto não ser heito admitir que pessoas tão illustres ignorem que a guerra tem origens psicológicas, determinantes de ordem mental de que os factores materiais são apenas a expressão objectiva.

Também os signatários do pacto dizem que renunciam á guerra; mas isto é uma promessa graciosa, um compromisso sem responsabilidades, porque a elle se pode faltar sem inconvenientes de maior.

A Paz! A Guerra!

Fizessem todos como nós, e a Paz estaria assegurada, porque a guerra seria impossível.

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



EM CIMA, à direita:—
A festa infantil da Práia
das Maças. O jogo do
prego.

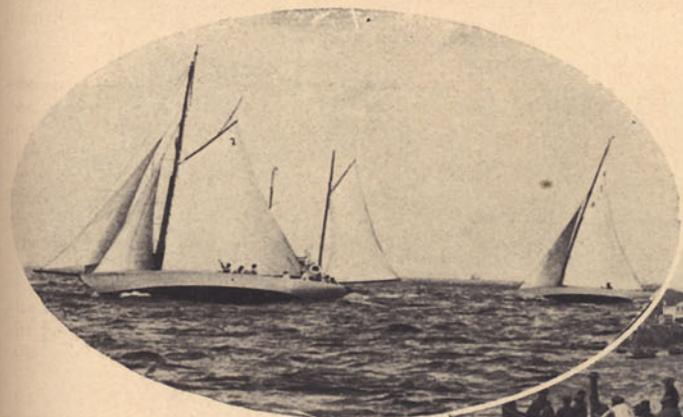
NO OVAL:—A corrida
ciclista Pórtó-Lisboa.—O
2.º premiado no entre-
gar ao júri os seus do-
cumentos.



EM CIMA, à direita:—
Alguns pequenos
concorrentes ao «cam-
peonato do prego», na
Práia das Maças.

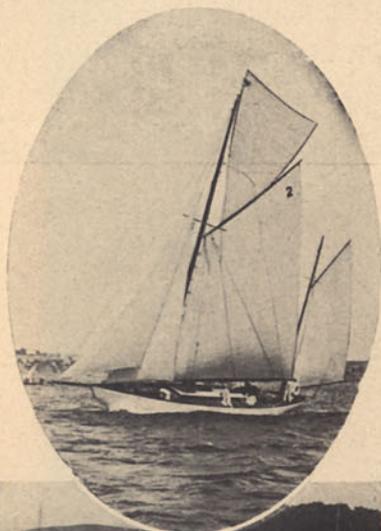


A ESQUERDA: Grupo
da Ilustre colónia
brasileira do Pórtó,
durante o baile com
que comemoraram o
aniversário da inde-
pendência do Brasil.



NO OVAL, à esquerda:—
Aspecto duma das regatas
organizadas brilhantemente
pelo Club Náutico de
Portugal durante as festas
náuticas que promoveu no
passado domingo 6, no
Estuário do Tejo.

A DIREITA:—Inques de
marítimos pescadores
assistindo aos festejos
brilhantes do Club Náutico
de Portugal.



NO OVAL, à
direita:—Um
lindo barco
que disputou
as regatas do
passado do-
mingo.



FRIGIDAIRE, o maravilhoso frigorífico-conservador, estará em lugar de destaque, trabalhando, no Salão da "Voga"



AS FESTAS A NOSSA SENHORA DO CABO, EM SINTRA: — De cima para baixo e da esquerda para a direita: Sua Ex.^a o sr. Presidente da República condecorando o velho bombeiro Oliveira, decano da benemérita corporação. — O sr. general Carmona passando revista ao Corpo de Bombeiros, em Setúbal. — Um aspecto dos festejos. — O chefe de Estado condecorando o comandante dos Bombeiros de Sintra, devoto filantropo.

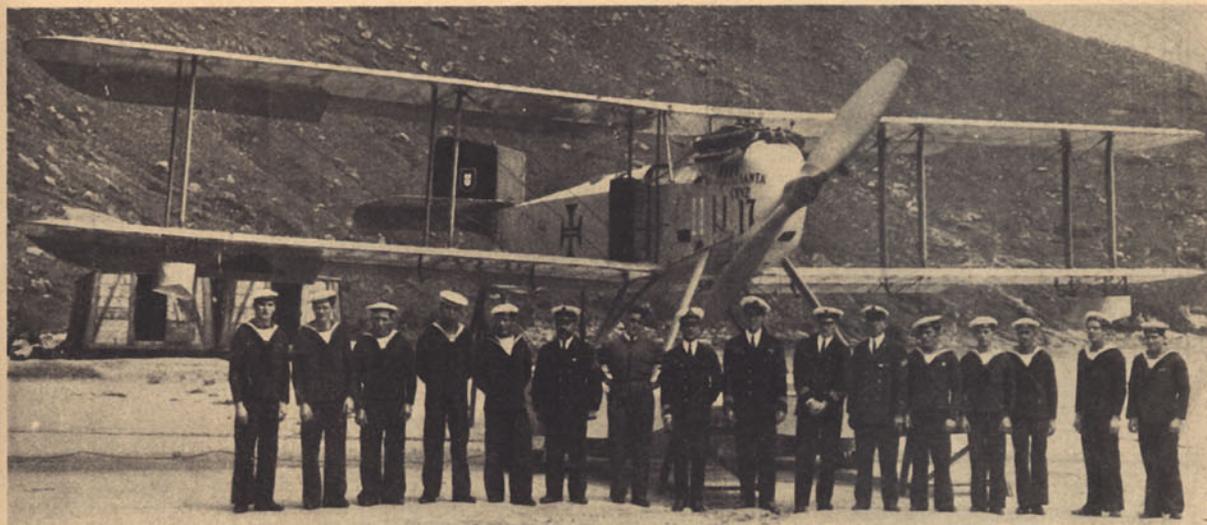


Casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Amélia Tavares de Moura, com o assistente da Universidade de Coimbra, Dr. Luís Belo Tavares Neto. Os noivos à saída da Igreja de Santa Isabel.



O Chefe de Estado assistindo à inauguração das novas bombas elevatórias da Companhia das Águas, nos Barbadinhos, melhoramento de que há muito se impunha mas que, infelizmente, parece não ser o suficiente para que haja em Lisboa água em quantidade e qualidade dignas da capital dum país civilizado.

As Companhias Reünidas do Gás e Electricidade terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cozinha-ideal eléctrica



AVIAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA. — O «Fairrey» III D (Motor Rolls Royce Eagle) na Estação aérea de Macau (ilha de Taipa, defronte de Hong-Kong, China do Sul). Este aparelho é aquele em que o falecido capitão de mar e guerra Saldanha Cabral e o contra-almirante Gago Coutinho cruzaram o sul do Atlântico em 1922. A estação aérea de Macau é comandada pelo 1.º tenente aviador José Cabral que se vê no meio do grupo. — Foto publicada no «Aeroplano» a revista inglesa de aeronáutica, a melhor do mundo.

«Ilustração» é a única revista portuguesa que apresenta sempre uma informação interessante de toda a parte do mundo, visto que conseguiu, com o seu esforço pertinaz para bem informar, uma rede de correspondentes verdadeiramente inextinguível. Todas as fotos da «Ilustração» são sua propriedade e exclusiva!



Gene Tunney, o celeberrimo pugilista, campeão do mundo de todas as categorias à sua chegada a Paris, onde está fazendo as suas despedidas da vida de solteiro visto casar-se brevemente, abandonando o título e as lutas pugilísticas.

(Foto H. Manuel).



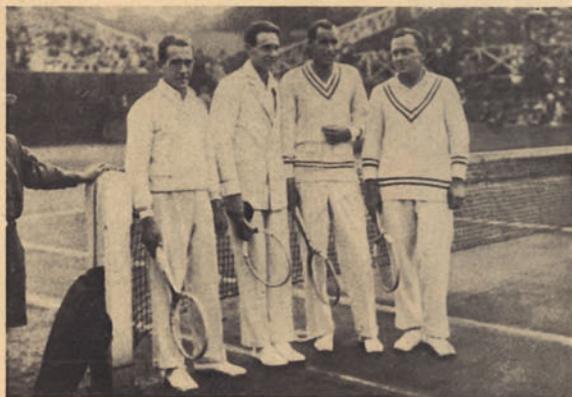
EM FIGUEIRO DA SERRA (GOUEIRA). — O casamento da Ex.ª Sr.ª D. Maria Amélia Pacheco Saraiva do Atanral Cabral com o sr. Augusto Leite Pais de Faria. — Os noivos com S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. João de Oliveira Matos, Bispo auxiliar da Guarda e os convidados na escadaria da Casa do Hospital residência dos pais da noiva.



EM CIMA: — O maravilhoso aparelho «Frigidaire», apresentado em Portugal por Denis M. Almeida, — Stand «Buick» — Avenida e que é o non plus ultra dos aparelhos de conservar alimentos, doces, etc. Figurará este portento de mecânica no próximo Salão da «Voga».



Casamento da sr.ª D. Sora Nunes Balsa, com o sr. Francisco Ferreira Rodrigues, realizado em 1.º do corrente na paróquia igreja de Santa Isabel. — Os noivos saindo do templo.



A ESQUERDA: — Os dois pares de campeões que disputaram a final da «Taça Davis»; da esquerda para a direita Cochet, Borotra (franceses e vencedores), Tilden e Hunter (americanos).

(Foto H. Manuel).

Expôr no Salão da «Voga» é adquirir entre os comerciantes do mesmo ramo uma evidente e lucrativa supremacia

PELAS TERRAS DO NORTE

Focando os mais interessantes aspectos da vida no Norte do País, em belos clichés de Alvaro Martins, reproduzimos, de cima para baixo e da esquerda para a direita:

A extinta banda da Guarda Republicana, do Porto, um agrupamento musical de invulgar valor. — Em Vila do



Conde. Grandes regatas. As «equipes» de senhoras tripulando canoas, ao aproximarem-se da meta. — Aspecto da assistência às regatas de Vila do Conde. — Aspecto da fúzida procissão a Nossa Senhora do Carmo, em Vila do Conde, por ocasião das brilhantes festas ultimamente ali realizadas. — Chegada de Sua Reverendíssima o novo Bispo condutor do Porto, sr. D. António de Castro Meirelles, ao Paço Episcopal. — No Paço Episcopal; o novo Bispo condutor do Porto tendo à sua direita o venerando Prelado, D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto.

Comprar no Salão da "Voga" é comprar num gigantêscó armazem em que, cada secção é fornecida pela melhor casa da especialidade de Portugal, Espanha ou França

FIGURAS DO MOMENTO



EMÍLIA BERNAL

DISTINTA poetisa cubana, a quem se deve uma bela tradução castelhana de «Sonetos» de Antero de Quental e que publicou recentemente um livro de verso «Exaltación», onde aparecem magníficas traduções de poesias de João de Deus, António Nobre e Guerra Junqueiro.

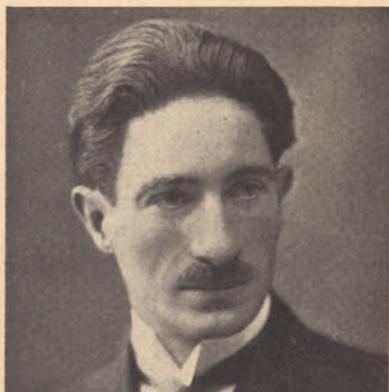
(Foto Fernandes Tomáz).



SOUSA PINTO

O ilustre pintor português, célebre em Portugal e estrangeiro pela sua magnífica obra e que acaba de ser promovido na ordem da Legião de Honra.

(Foto H. Manuel).



O AVIADOR DROUHN

CÉLEBRE piloto que se aprestava a grandes cometimentos aéreos e foi vítima dum queda mortal quando efectuava um voo de experiência.

(Foto H. Manuel).



BOKANOWSKY

O malogrado estadista francês, membro do governo, que foi vítima dum trágico acidente de aviação, morrendo carbonizado.

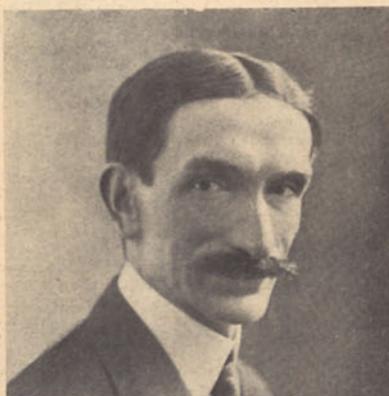
(Foto H. Manuel).



GROCK

O celeberrimo «clown», ídolo de Paris, acaba de ser nomeado doutor *honoris-causa* da Faculdade de Filosofia de Budapest. O ilustre artista é um homem de larga erudição e rara inteligência, notável por trabalhos filosóficos que ultrapassaram fronteiras.

(Foto H. Manuel).



JEAN GALMOT

EXTRAORDINÁRIA organização de homem de negócios e de aventuras, antigo deputado pela Guayana, que foi assassinado naquela colónia francesa, o que deu motivo a rebeliões e graves acontecimentos.

(Foto H. Manuel).



O MARECHAL FAYOLLE

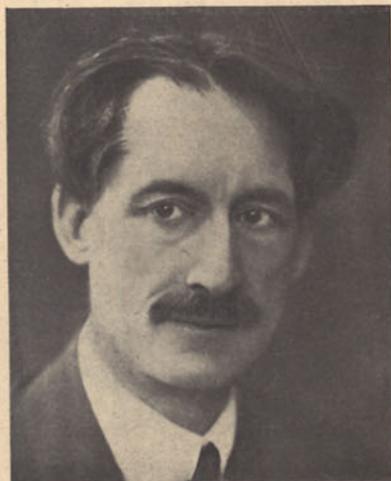
O grande cabo de guerra, um dos mais valentes e abnegados construtores da grande vitória dos aliados sobre os impérios centrais acaba de morrer em Paris.

(Foto H. Manuel).



CARLOS DE PASSOS

EMINENTE erudito português que acaba de ser eleito sócio da Real Academia de Belas Artes e Ciências Históricas de Toledo e da Associação dos Arqueólogos Portugueses.



HENRI BARBUSSE

O mestre-romancista de «Feu» e «Clarté», actualmente em perigo de vida atacado de doença gravíssima durante a sua estadia em Nijni Novgorod (Rússia).

(Foto H. Manuel).

TATA, "chapeliers en vogue", rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da "Voga"

LIVROS E ESCRITORES

Ponham seus olhos em Rocha Martins todos aqueles que creem no êxito fácil e supõem que, mediante a publicação de uma única obra ou de várias, aparecidas só de muito longe em longe, lhes irá o direito de se banharem nas águas do Pactolo e de a celebridade os chamar à partilha do seu macio leite.

Ser homem de letras, isto é, na exacta acção do termo, ser profissional da literatura, dela fazendo jardim e seara, terra de gózo de espírito e, simultaneamente, terra donde se extrai a manutenção cotidiana, implica uma tarefa vigilante e árdua, sujeita a um horário de trabalho tão amplo e rígido como o que regula qualquer outro officio. O caso de Rocha Martins, cuja pena raras parcerias tem na intensidade de produção, é disso flagrante exemplo. Em contínuo contacto com o público, mantendo atenta no seu perseverante labor a clientela ledora, não há assim maneira de a amnésia, doença a que são muito atreitas as multidões, diminuir no de leve sequer o renome por elle conquistado através de uma longa e brilhante carreira.



Rocha Martins

Nos tempos recentes o temos visto entregue à feitura dos seus dois belos polípticos históricos, *Os grandes Amores de Portugal e Heróis, Santos e Mártires da Pátria*, dos quais já várias tábuas estão patentes aos olhos do vulgo, não tardando muito as restantes em tomarem o mesmo caminho. Das cinco últimamente aparecidas não falamos ainda aqui, o que vamos fazer em breves palavras, por mais abundantes no-las não consentir a exiguidade do espaço desta secção e também porque a menção da autoria de Rocha Martins *loul court* é hoje mais do que suficiente recomendação de uma obra. Duas dessas telas pertencem aos *Grandes Amores* e as suas figuras centrais são, na primeira, *Relatório de Paixão*, D. João Menezes da Silva, filho de um dos Doze de Inglaterra e apaixonado platónico da Infanta D. Leonor, irmã de D. Afonso V, que se consorciou com Frederico III, imperador dos Romanos e da Alemanha, acabando o pobre e desiludido amoroso por cingir seu corpo mirrado num hábito de monge em Nossa Senhora do Guadalupe, e na segunda, *Senhora de Bem-Fazer*, o fidalgo-poeta D. Francisco Manuel de Melo, rival do próprio monarca na posse das graças da terceira das adúlteras esposas de D. Gregório, conde de Vila-Nova de Portimão. Tanto um como outro episódio foram lançados ao papel com mão documentada e sugestiva. O *Cavaleiro da Morte*, O *Decapado* e a *Princesa Santa Joana* inserem-se já no outro políptico. Eis, no primeiro, a nobre figura do Conde de Avranches, por amizade para ao infante D. Pedro, regente durante a maioridade de D. Afonso V, baqueando nos campos de Alfarrobeira. Depois é outro quadro de batalha, a de Toro, entre portugueses e gente da orgulhosa Castela: o alferes real Duarte de Almeida, salvando do inimigo o nosso estandarte, mesmo quando já privado de ambas as mãos. Por último, o vulto místico da princesa irmã de D. João II, que ao matrimónio dos homens preferiu as núpcias do céu, tomando por sua insignia a coroa de espinhos e acabando seus dias no mosteiro de Aveiro, que vein a chamar-se de Santa Joana, por a crença do povo a ter canonizado. E nestas tábuas, como nas duas dos *Grandes Amores*, a pintura apresenta um relevo parecerem exigir, da fundura dos séculos, que tomemos parte nos dramas das suas almas.

Da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, sairá já o tomo segundo, em tudo confirmativo da excelente impressão incutida pelo inicial: o texto escrito, após a conclusão do douto estudo sobre a língua que o sr. dr. Leite de Vasconcelos encetara no tomo anterior, com-

prende colaboração, por igual muito autorizada, dos srs. drs. Manuel de Oliveira Ramos e Joaquim de Carvalho, aquele tratando das *Épocas Literárias* e o último das *Instituições de cultura*. Quanto à documentação pela imagem, a mesma riqueza se patenteia: reproduzem-se nestas páginas mais aspectos dos velhos códices, entre os quais salientamos o da lauda de abertura das *Ordenações del Rey D. Duarte* e o da *Crónica da Conquista de Lisboa*, do século XIII; apresentam-se nos belíssimos, exemplares estragatísticos e numismáticos, assim como os frontispícios das nossas primeiras gramáticas; e deixamos, por fim, em muda e deliciada contemplação diversas e preciosas iluminuras, como aquela que nos dá a mais antiga vista de Lisboa e a série das extraídas do *Calendário do Missal antigo de Lorvão*, que reflectem interessantes scenas da vida medieval. E em *hors-texte*, em reprodução *fac-similada*, também este tomo incluí duas páginas do Cancioneiro Colocci-Brancuti, maravilha em cuja posse a nossa Biblioteca Nacional só entrou há poucos anos. A magnífica empresa de Albino Forjaz de Sampaio prossegue, pois, com rumo certo.

A releitura, como disse Faguet, fornece tantos ou maiores prazeres do que a leitura primeira: no decorrer dela descobrem-se muitas vezes notas de beleza que anteriormente nos haviam passado despercebidas. Assim nos succede agora com o volume de crónicas e impressões *O esplendor das coisas*, de Correia da Costa, cuja segunda tiragem acaba de aparecer sob uma capa, encantadora na sua singeleza, desenhada por Almada Negreiros. Testemunho de um forte e originalíssimo temperamento de estilista, este livro, pela profusão das suas imagens fulgurantes, pela vivacidade do seu comentário, pelo entusiasmo moço de viver a vida a plenos haustos que impregna todos os seus capítulos, pela força de simpatia que irradia de cada uma das suas frases, é bem um livro que merece ficar à parte da chusma de obras fragmentárias que o efêmero gera e nas profundas do mesmo efêmero não tardam em sumir-se, delas não deixando maior memória que a que deixa um pedregulho na face espelhetada dum lago. De que nos falam estas páginas? Da terra nossa e da alheia, das paisagens deslumbrantes e das cidades rumorosas ou seismáticas, da Coimbra doce e da babelica Paris e da feiticiera Madrid, de escritores e artistas das novas gerações e doutros que gozam já a consagração, em suma, duma variedade de assuntos que põe a monotonia a trinta léguas do volume e nos leva a vencer com sempre remozado interesse as suas quatrocentas e tantas páginas. E o que dá realce também a este livro de Correia da Costa é que a atitude nele do autor é tudo o que há de menos *blasé*: erguendo a sua taça em louvor e homenagem à civilização, ao espírito moderno, Corrêa da Costa não decreta a morte da tradição, não renega o sentimento nacionalista. No seu cérebro e na sua sensibilidade rasgou-se uma janela larga para a Europa; porém, ali permanece ainda aberta a outra que olha as letras fartas do Portugal de lavadores.



Corrêa da Costa

Essa herdade em activa lavra, fala Henrique Marques Júnior *ex-professo*. Que admira, pois, que lhe tivesse vindo a ideia de organizar uma *Bibliografia Infantil*, cuja falta se fazia já notar? Que não é completo o trabalho, que algum senhor de miudinhas vistas lhe há-de en-

contrar várias falhas, disso já o autor está certo e até mesmo o confessa, na introdução do volume que, em bela *separata* dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, acaba de surgir. De resto, o estudo, bem meritório, não aspira a grandes títulos, pelo que tomou a designação modesta de *Algumas achegas para uma bibliografia infantil*.

A matéria deste inventário, dividiu-a o autor em cinco partes, a saber: I, bibliotecas infantis; II, livros fora das coleções; III, fabulários; IV, jornais para crianças; e V, teatro infantil. E não se julgue que se trata apenas duma rezenha, constante só de nomes de autores e títulos de obras. Não Cada registo compreende também umas palavras avaliadoras da respectiva obra, comentário esse em que sempre se verifica ser o autor perito no assunto, andando nele com o desembaraço do peixe na água.

Que muito devemos, nos campos da investigação histórica e da investigação literária, a gente estrangeira, sobretudo à alemã, não deve ser já novidade para ninguém que entre nós vá nas suas leituras além do periódico matutino. Nova mostra do grande interesse estrangeiro pela nossa história pátria, e ainda desta feita também da Alemanha, nos dá ensejo de registar o voluminho *Virtude*, do sr. Adolf Schulten, professor da Universidade de Erlangen. As suas páginas explanam um estudo profundo sobre o flicto candilho lusitano que repeliu as hostes romanas.

O illustre sábio germânico assegura ter sido real essa figura de epopeia que abriu os calabouços da pátria portuguesa. Este estudo andava já traduzido em língua espanhola, sendo de estranhar que ainda não tivesse sido recolhido na nossa. Tal falta remediou-a o sr. Alfredo Ataíde, que pôs, a abrir o seu trabalho de tradutor probo, um prefácio do sr. prof. Mendes



Henrique Marques Júnior

Corrêa, segura autoridade no cântico da pre-história peninsular.

De Eduardo Brazão, filho, lemos agora o conto dialogado *Maria do Mar*, cujo texto se faz acompanhar de curiosos desenhos de Arlindo Vicente. De fundo lendário, trata-se duma história triste passada entre marfíticos. O autor conseguiu imprimir-lhe vibração patética, Maria, amada pelo pescador Manuel e a quem o velho Dionísio recolhera

das ondas e para as treldas ondas quis voltar, é uma figura grácil e misteriosa que nos cativa. O autor tecer a obrazinha com alma de artista.

O *Mutilado* e *Uma Noite* são duas peças que o sr. Lapas de Gusmão reuniu no mesmo volume. A primeira é um drama originado na grande guerra, sendo a segunda uma tragédia rústica. Em uma e outra o diálogo se apresenta natural, o que já constitui valor positivo dentro da literatura dramática. Porém, quanto à maneira de conduzir a intriga, preferimos a última, passada na agreste Beira. Dá-nos mais a impressão da verdade. Tem nervos e tem verosimilhança. E, no seu tom sacudido, trouxe-nos à lembrança as tragédias sicilianas de Amunzio, que são talvez o que de mais belo o célebre escritor italiano ainda produziu.

A *Expressão Literária e a aprendizagem do estilo* é um livro de inegável préstimo que o sr. Joaquim Costa, escritor bastante conhecido, trouxe há pouco a lume, inspirando-se certamente na obra similar publicada em francês por Albalat. Em duas partes se divide o texto, na primeira ministrando o autor as suas lições sobre a arte literária, com exemplos muito intuitivos do que vem a ser um estilo rico e puro e também, paralelamente, dos exageros em que, em busca da originalidade, caem muitas pessoas que escrevem. Sem concordarmos com todos os seus preceitos e pontos de vista críticos, achamos, todavia, esta parte do volume bem orientada. Na segunda compendioso o autor, para exemplos, trechos de poesia e de prosa de muitos dos principais escritores portugueses e brasileiros, quer do período clássico, quer modernos.

"Voga", sendo a mais bela revista feminina, fará do Salão da "Voga" o mais belo acontecimento feminino



IMPRESSÕES DA MADEIRA A CHEGADA AO FUNCHAL



A ilha do Pôrto Santo, com o seu agradável recorte orográfico, desenhado nitidamente na superfície límpida dum firmamento immaculado, constitui um verdadeiro prêmio de consolação para todo e qualquer viajante que, com eu, haja passado mais de dia e meio entre o céu azul e o azul do oceano revólto, trocando o dia-a-dia duma existência lisboeta pelas torturas do enjôo.

A alegria de terra é uma aurora que alvorece auspiciosamente no espírito, amortecido nostálgicamente no acabrunhado solilóquio de horas infinitas, em que parece vir ter connosco o tão falado inferno de Dante, por entre o ronear do vento e o rugir das ondas procelosas, que bem o foram as que desalmadamente perseguiram o Lima na primeira noite de viagem, muito parecida, cá para mim, com o anunciar terrível do Apocalipse. Em minha companhia, levei livros amigos; e o desejo de encontrar maneira positiva de passar o tempo fez-me abrir os *Cânticos*, de Teixeira de Pascoais.

Mas a noite passára. A noite morrera, e mais as suas alturas fantásticas. Agora eram sete da manhã, com o Pôrto Santo à vista, numa atmosfera muito simples. Desfeitas as névens, o horizonte alargava-se para longe, para muito longe. E o Pôrto Santo, no enfeite de ilha encantada, aparecia envólto num semi-círculo de luz. O arco-íris, com as suas sete cores unitárias, fazia-me lembrar a importância do número sete na paciência humana, recordando-me, igualmente, que são sete as «irmãs» duma poesia célebre de

D'Annunzio, que Berta Singerman recitou ainda recentemente em Lisboa, a cidade das sete colinas e dos sete pecados mortais, e, que, além dos sete dias que cada semana tem, mais e muito mais «setes» há por aí fora, como, por exemplo, os «sete ilustres condes» a que se refere o canto IV dos *Lusíadas*, os «sete sábios» de que se orgulha a Grécia antiga, as sete maravilhas do mundo...

Aí está... As sete maravilhas do mundo datam de séculos imemoriais, porque, se assim não fôsse, a Madeira seria uma delas.

E a Madeira aí está, ante o Lima, que risca serenamente as águas transparentes. Anunciando terra madeirense, desfilam as Desertas: — Deserta Grande, Bugio e Ilheu Chão. Depois, entra-se pelo mar a ponta de S. Lourenço, a primeira nesga de terra que ganha acentuada nitidez a meus olhos ansiosos. Uma mancha de cor ainda espalhada no ar. O sol abre-se inopinadamente. O sol brilha com fulgor. E, com a carícia tentadora dos raios solares, dissipam-se as últimas apreensões que a viagem trouxe e os derradeiros receios de não chegar ao ponto final do itinerário. A esperança converte-se, finalmente, em certeza, uma certeza consoladora, na certeza de ter a digressão um *terminus* de «boa viagem». O sol esteriliza os espíritos doentios e dá-lhes força e expressão. O sol doira o «cromo» das montanhas madeirenses. A princípio a terra é dura, seca, espicada de casinhas, aqui e além. Mas logo uma variação se produz. O andamento da grande sinfonia de vegetação da ilha é bem diferente. Todos os tons se unem e aderem, mutuamente. O azul celeste baixa até aos cumes, misturando-se ao vermelho das terras, feitas de muito óxido de ferro... Dessa mistura, desse casamento saem o róxo e o violeta, que se espalham por todo o clima. O espectáculo é simplesmente de mágica teatral. As ribeiras e os ribeiros, mirrados em suas águas, apresentam um leito agreste, assente sobre uma massa pardacenta de calhaus-rolados, em profusão difícil de imaginar. A linha do litoral sul mostra a sua elegante sinuosidade. E os nomes dos locais saltam, na enumeração de quem a meu lado se encontra: Caniçal, Machico, Água de Pena, Santa Cruz, Freguesia de Gala, Pôrto Novo, Caniço, Camacha, Ponta do Gorajão. A esta Ponta se agarra Gaspar. Frutuoso, que nas *Saudades da Terra* tem uma frase magnífica: «Quando Deus descer do céu, a primeira terra em que pusera os seus santos pés, fôra a Madeira».

E agora, por detrás da Ponta do Gorajão, estende-se o casário colorido da cidade que se diz ter Zarco designado Funchal ao dar nota do muito funcho que aí havia. Debruçada sobre a espuma do oceano, orla-a uma

praia de areia basáltica. Oito na torre da Sé soar horas: são dez. O meu relógio marca onze: — Estou a uma hora de Lisboa.

O efeito da montanha deslumbra. Para além, espalha-se uma complicada orografia, aos altos e aos baixos, com uma rede vasta de picos e talvêges. A névoa espuma a linha do horizonte, envolvendo o gigantesco leque, caprichosamente construído entre o mar e as névens que tocam a terra. E as varetas, polieromisadas, por entre a vegetação garrida e alacre que de lado a lado se estadeia, de mistura com habitações heterogêneas, convergem num ponto: — a cidadela do Funchal. Mercê desse gigantesco leque, corre um leste próprio para ternos devaneios, sem as arrelias de temperaturas inconstantes. O termómetro na Madeira tem pouco que fazer; o nível do mercúrio estaciona.

Entretanto, fundado o Lima na elegante baía funchalense, mesmo em frente da esguia pilastro de Banger, utilizada em avisos de navios, eu tomo uma lancha e vou para terra. E, após duas noites de céu e de mar, desembarco na apetecida cidade do Funchal, vista atenta no Forte do Pico, ao mesmo tempo que o sr. Alto Comissário nos Açores, vindo no mesmo barco, vai ser homenageado com um almoço no Terreiro da Luta. Do mar, apontaram-me esse Terreiro da Luta e o Monte, dois dos pontos que mais seduzem o turista. Vê-los hei com os meus próprios olhos e analisá-los hei com esta mesma pena.

ADOLFO FÁRIA DE CASTRO



SASSETTI & C., apresentarão no Salão da "Voga" os seus pianos, auto-pianos e edições musicais artísticas

As seis da manhã já eu ando a pé, inquieto e nervoso por estas ruas de Lisboa, ainda fechadas no sono matutino, aqui e ali cortadas pelos carroções que as cercanias da capital enviam aos mercados, cheios de verduras opáparas e reluzentes. Faltam ainda três horas e picos: o combóio é às nove e tal e distraio a minha paciência a telefonar aos companheiros da frescata, pondo-os a pé do conchego morno da cama para escutarem que o tempo urge e que, se se demoram muito, têm muitas probabilidades de ficar em terra... Um deles — sinto-o bem pelo tom estremunhado e gosmento da voz! — manda-me cordialmente a todos os diabos: «é ainda muito cedo, que rajo! o combóio só parte lá para as nove e tal, perto das dez!...»

Que diabo de gente, estes lisboetas, que se pelam por estar na cama de manhã e perdem a noite na pândega!... Pois não é verdade acaso que, deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer? Se calhar não é! eu, pelo menos quanto a estatura, não lucrei nada com os meus hábitos provincianos!...

DE LISBOA AO REGUENGO — O ENCANTO DA PAISAGEM RIBATEJANA

Enfim! partimos!... Tôda a companhia vai alegre com a perspectiva dum dia de férias longe da letra de fôrma, e safando-se ao convívio, por demais quotidiano, da existência citadina. Somos cinco pândegos: o director desta revista, o Domingos Bertrand, um dos seus ajudantes, o Mário Novais e o civilizado com alma de campónio que está rabiscando estas linhas...

Oh meu Deus, meu Deus! como é lindo este caminho de Lisboa ao Reguengo, seguindo quasi sempre a orla do Tejo, cortando quintas viçosas, extensas planuras onde se destacam as manchas de bronze das manadas de touros; la-deando nateiros ulérrimos e vilórias caídas, com grupos de campinos a cavallo e raparigas conduzindo no boleio dos quadris ranchos de filhos ou cestas de frutas! Como é lindo e sadio este panorama, cheio de sol e de verdura, águas palceiras e velhos solares, cabeços revestidos de arvoredo, planícies aonde se encabritam e fogem, em cortejos velozes, manadas e manadas de poldros, a vadear charcas, a galgar geometrias de canais e campos de regadio!... Surprendemo-nos, eu e o Domingos Bertrand, a fazer planos quiméricos de trasladação dos ossos para aqui, para este Ribatejo fecundo e hospitaleiro, cada qual com sua casita, uma ranchada de filhos, galinheiros bem providos e um bilhete para a tourada em dias de rija função tanromáquica!... Ai de nós ambos: o meu companheiro de viagem e de projectos campiónios é catalão mas não tem castelos em Espanha: eu tenho-os em Portugal, mas, verdade, verdade, não sei como lá chegar!

UM CURIOSO PERFIL DE CLÍNICO RIBATEJANO

No Reguengo, pequenina estação afogada entre espedelhadros encaliptos, esperamos o perfil moreno de Motta Cabral, clínico de profissão e o mais enamorado amigo do Ribatejo que até hoje me foi dado conhecer, entre quantos por Lisboa curtiram tédios das imensas campinas natais!... Vem de jaleca, largo chapéu à Marialva, esporas, a calça cuindo aberta e com botões de prata sobre o cano das botas de montar... Trepamos para um auto que espera para lá das cancelas e que desliza como um foguete pela estrada, entre vinhedos empampados, filas de salgueiros e encaliptos, arruamentos de casarjão e enegrecidas tôrres sineiras... Ao chegar a Valada, nonde reside o nosso hospedeiro, enfiamos por uma ruassinha de moradias tôdas iguais, brancas de neve e com o seu jardinete rústico à frente. Uma delas desperta logo a minha atenção com a porta e os caixilhos das janelas pintados a vermelho vivo, sobre a neve da frontaria. Anda aqui a mão de artista do Motta Cabral... É é que me não engano!... Descemos: o nosso hospedeiro trepa os degraus que o separam da porta e atira um puxão à corda da campainha... Estacamos surpresos: na volta do caminho parece vir uma gorda manada de tonros... Que entalção agora, aqui, na estrada. Vai ser cornada até no céu da boca! Mentalmente rezo o acto de contração para o que der e vier... Abre-se a porta e todos nos precipita-

TERRAS E COISAS RIBATEJANAS

DE LISBOA A VALADA DO RIBATEJO — ENTREVISTA COM O DR. MOTTA CABRAL ACERCA DOS TOIROS DE MORTE — A PROTECTORA, AS TOURADAS, OS TOUREIROS E O MAIS QUE ADEANTE SE VERÁ

PROSA DE ARIEL

FOTOS DE MÁRIO NOVAIS



Trecho do Mouchão de Valada

mos para dentro de casa, fechando logo os batentes...

OS CHOCALHOS, A SUA REFORMA E O MAIS QUE ADIANTE SE VERÁ...

Mas, espreitando pelos vidros da porta, de balde esperamos ver passar, entre núbvens de

— Qual carapuça! Vocês ouviram mas foi tocar a campainha da porta...
— A campainha da porta?!...
— ...Que por sinal é um chocalho, vocês não vêem?

Destampamos a rir, a rir, a rir, consoladamente... É é verdade! lá está êle, o chocalho badaleiro, que o regionalismo extremo do Motta Cabral reformou no posto de campainha de portaria... Esta só pelo diabo! Olhamos o corredor, cujas paredes escafoladas desaparecem sob retratos, fotografias de touradas, tentas e derribas; desenhos coloristas do António Soares e do Jorge Barradas; panóplias de ferramental tonreiro cingidas por cobrejões ribatejanos; quadros antigos a óleo, uma que outra recordação dos tempos da Escola Médica, mas, sobretudo, desenhos de coisas regionais, da leztria ulérrima e perfumada... Entramos para o gabinete de trabalho: idêntica ornamentação. A menos de meia altura, e circundando as paredes, estantes cheias de livros e sobre as quais há uma aluvião de gravuras, aguarelas, retratos, um enorme chocalho lavrado, álbuns... Inquiri curiosamente as lombadas dos livros. Aonde demónio porá este ribatejano as obras de medicina? Não sei: não as vejo... O que se vê logo, ao entrar a porta, é um enorme e admirável quadro a óleo do António Soares — um artista de verdade que dá tudo pela festa dos touros! — quadro êsse que representa o médico Motta Cabral, no pátio duma casa solarenga e provinciana, entre perfis de galgos, envergando samarra, safoes e largo chapeirão de Marialva...

SÓBRE O DIQUE DE VALADA — MULHERES, LITERATURA... E TOIROS!

É claro que, num ambiente dêstes, com um hospedeiro como Motta Cabral e fartos como estamos do requentado chá que é a vida lisboeta, somente de três coisas apeteceerá falar, aqui, na antiquíssima Valada, já conhecida pelas crónicas de Fernão Lopes... Vem à baila as mulheres, a literatura e os touros...

— Oh Motta Cabral: vamos lá a uma entrevista acerca dos touros de morte?
— Pois sim. Mas, primeiro, toca a desentorpecer as pernas. Venham vocês daí passear pela



O trem de caça do dr. Motta Cabral

poeira, ao sol doirado e lindo, a cavalgada dos campinos, picando rijamente o gado bravo...
— Oh Motta Cabral: os touros não vieram por aqui? Pareceu-nos ouvir a manada...

ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da "Voga"



O dr. Motta Cabral na sua garbosa montada

vila, ver um bocado de picaria arranjar uma fomesinha condizente com a caldeirada à fragateira que o Sabino está preparando!

Safmos. A vila é toda ela muito sossegada, muito limpa, caiada, cheia de recantos sombreados pelo arvoredado e protegida da invasão do Tejo por um extensíssimo dique que começa nas Omnias, ao pé de Santarém, até findar nos campos da Azambuja. Trepamos levemente o paredão, ao qual se encostam grupos e grupos de lisuados campônios e por onde rebola o rapazio da vilória, com grandes gritos hilares e sádios...

UM PANORAMA DE ENCANTAMENTO...

Oh o panorama do Tejo, visto daqui, com as suas águas mansíssimas, todas cheias de ouro resplandecente, alfombradas aqui e ali por grandes manchas de pinhais, eucaliptos e salgueiros, com a ponte unindo as duas margens, com os seus areais delirantemente amarelos, o verde húmido e sombrio dos monchões, um céu anilado que leves algóides de nuvens cortam e realçam!... As horas passam com celeridade: cheia a maresia, a erva molhada, a resina... Motta Cabral corta o areal em demonstrações de picarias; os fotógrafos disparam as objectivas; nós deixamos errar os olhos encantados por todo aquele panorama cheio de poesia e de sossego de espírito... Que maravilha de paz, que delícia de perfumes rústicos, que adorável paisagem a destas benditas ribas tejanas!...

O nosso hospedeiro desmonta e entramos todos para uma barca a remos que os músculos de aço de João da Fonseca fazem deslizar, numa esteira doirada e branca... As margens começam agora a receber cambiantes de inéditos coloridos: avulta o civilizado perfil da ponte; destacam-se os monchões, ilhotas de copado arvoredado aonde apeteceira deixar correr a existência, como Robisons do século XX...

Escapo-me ao encantamento em que a paisagem me havia mergulhado e, um pouco ao acaso, mais olhando o ambiente maravilhoso do que o assunto da entrevista, interrogo somnambulamente...

COMEÇA A ENTREVISTA — A UTILIDADE E BELEZA DAS TOURADAS DE MORTE—A PROTECTORA...

— Oh Motta Cabral: você continua a ser partidário dos touros de morte?

— Partidário por temperamento, por estética e por simples raciocínio...

— Era favor trocar tudo isso em mindos!...

— Seria repetir-lhe tudo quanto disse e escrevi... Já no Congresso Ribatejano, em 1923, eu declarei considerar as touradas de morte como escolas de agilidade, força, destreza e audácia. Não é com moços engoiados e lazarentos, incapazes doutra coisa que não seja esteticismos frustres e humanitarismos idiotas, reveladores da ausência de boa canela e de pulmões arejados, não é com eles que se conseguirá

uma raça forte e capaz de levantar a terra portuguesa...

— É como encara você o decreto que proibiu em Portugal as corridas com touros de morte?

— Foi uma simples medida de condescendência... e de defesa da pele dos toureiros nacionais...

— É a Protectora, oh Motta Cabral: a Protectora dos Animais, que despreza o rei dos mestros?

— A Protectora é uma associação que em Portugal simbolisa o Estúpido Século XIX, constituída na grande maioria por gente que só sabe ler e escrever os letreiros: *Fazer mal aos animais é indício de mau carácter*. Só esta cantilena soeitra e dentro dela vive intelectualmente. Não distingue mais!...

OS INTELECTUAIS E AS TOIRADAS DE MORTE — OS TOUREIROS DE PÉ — A SORTE DE VARAS E A MORTE DOS CAVALOS

— Mas você sabe que certos intelectuais atacam as touradas de morte e fazem córa com a Protectora...

— Questão de temperamento e de pusilanimidade mental...

— E os toureiros: teriam tido interferência na proibição das corridas?...

— A interferência dos toureiros nacionais neste assunto vai até onde lhes é possível: por medo e pela consciência íntima da ignorância. Refiro-me, é claro, à gente de pé.

— É o povo? o nosso povo será contra as corridas como a Protectora apregoa?

— Não sei o que pensa o povo do Norte. Cá no Sul o povo gosta dos touros de morte. As classes médias, essas, no nosso país, verdadeiramente, só gostam de comer e arrotar: a adimração, entre elas, conquistase pelo garfo. Temem que isso lhes perturbe a digestão e não se manifestam: há sempre carne para atafu-lhar o dente. Não sei o que elas pensam... nem se pensam!

— Você sabe que uma das coisas que real-

das tripas pendentes, nos casos em que não obste à perfuração do ventre... É você sabe muito bem como em adoro os cavalos!... Tanto como detesto o Fado — que foi o Alcaeer-Kibir da raça...

Regressamos. O sol tomba sobre nós num dilúvio de tintas fulgurantes... Oigo ao longe o eco duma voz que canta na maravilhosa agonia do poente.

— ...e como quero bem às canções regionais aonde reside inteirinha a alma da nossa gente!...

O ELOGIO DA CALDEIRADA A FRAGATEIRA! — QUE SAUDADES, QUE SAUDADES!

Oh Sabino das caldeiradas!... Oh altíssimo poeta dos ribatejanos petiscos! Homero da fatura e das eirozes em concomitância opípara e sávida com as cebolas do Ribatejo, a pimenta das Conquistas, o azeite de Santarém e o apetite ancestral dos portugueses! Horácio dedicaria, por certo, uma ode às tuas caldeiradas se, mísero dele! as tem chegado a conhecer! Virgílio dedicar-lhes-ia um capítulo das *Geórgicas* e, em verso, nos transmitiria as tuas receitas para regalo dos vindouros e consólio espiritual das nossas almas, dos nossos corpos!

Quo te carmina dicam, Caldeirada!

É verdade: como diabo se dirá em latim esta coisa estupenda, esta petisqueira digna do Lácio, das Musas e dos tempos heróicos, chamada em vernáculo — a caldeirada à fragateira? Não sei... Bem se esfalou a meter-me na cabeça o idioma dos romanos, êsse grande humanista que é o Dr. José Maria Rodrigues, meu saudoso e querido lente de literatura latina. Excelente professor que êle era, péssimo escolar que eu fui!...

Por causa da minha ignorância da língua de Virgílio é que não sei como legar à posteridade a excelência do teu saber, todo em caldeiradas feito, oh Sabino excelso e bondoso, oh altíssimo



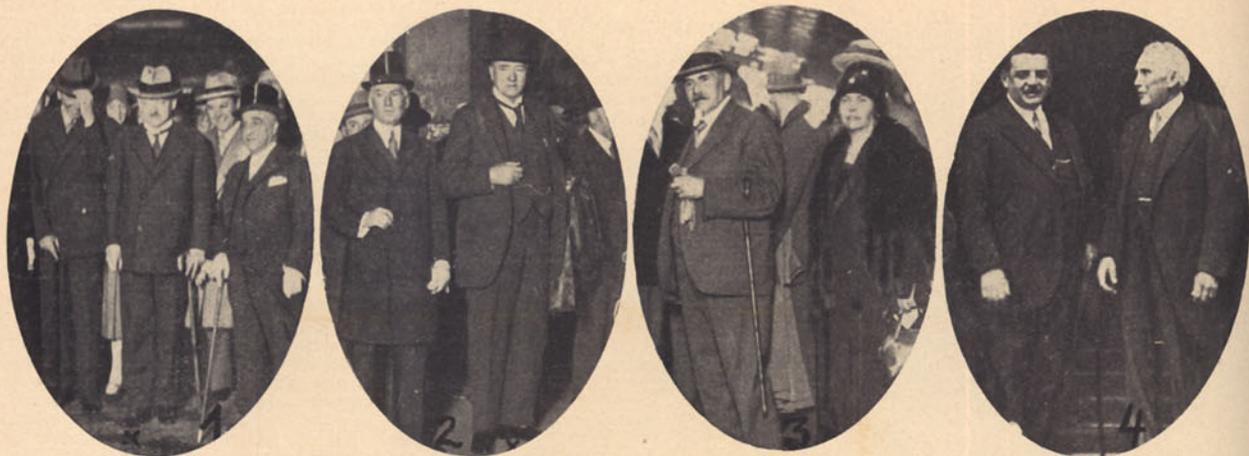
Dando de beber à montada

mente repugnarmos aos portugueses é a morte dos cavalos: não é espectáculo que ligue bem com a índole especial da nossa gente...

— A sorte das varas é indispensável à lide dos touros e por todas as razões de ordem técnica: é nessa fase que se avalia da índole e poder dos touros. E há poses plásticas de beleza estatutária!... Reputo os *pêlos* acolchoados que apareceram na corrida de Vila Franca, excelente defesa para o cavalo, evitando os danos da cornada e ocultando o por menor repugnante

poeta das enguias e fataças do Ribatejo, deitadas sobre rodela macias de batata e de cebola, salpicadas pelas especiarias dos galeões seiscentistas e fios doirados e reluzentes do azeite de Santarém! Eu te saúdo, comodamente e de gorgomilos atulhados, oh Sabino das caldeiradas, Homero da fatura e das enguias em concomitância opípara e sávida com as cebolas do Ribatejo, a pimenta das conquistas, o azeite de que se utilizava a Menina dos olhos verdes e o apetite ancestral dos portugueses!

No Salão da "Voga" estarão expostos os maravilhosos automóveis WILLYS-KNIGHT, marca de fama mundial



A ASSINATURA DO PACTO DE KELLOGG



UMA nova era parece ter sido dada ao mundo com a assinatura do pacto de paz perpétua Kellogg-Briand. As nossas fotos, exclusivas e inéditas, representam: 1—A chegada a Paris de Stressemann (X). 2—A chegada de Lord Cusheridum, (X) plenipotenciário inglês que substituiu Chamberlain. 3—Smith, delegado da África do Sul e sua esposa. 4—Herriot e Kellogg conversando cordialmente. 5—Um momento da história do mundo moderno, Kellogg (X) põe a sua assinatura no pacto da paz perpétua. 6—A chegada dos representantes da grande América; da esquerda para a direita, Mackensie King (Canadá), a senhora Kellogg e o senhor Kellogg. 7—O presidente de República Francesa, Gaston Doumergue (X) recebe em Rambouillet o senhor Kellogg (XX) a quem dá cordialmente o braço, Briand (XXX) e outros delegados estrangeiros e diplomatas. 8—Um grupo curioso, Kellogg (X) e o embaixador americano em Paris, Myron T. Herrick (XX) recebem, rissonhamente, os reporters e correspondentes de todos os grandes jornais. Finalmente, no medalhão de baixo, à direita, fixa-se um gesto histórico: o eminente político e diplomata alemão Stressemann, empunhando a pena de ouro com que vai assinar, em primeiro lugar, o pacto de paz perpétua, entre as ovações tributadas pelos adversários da Alemanha, na guerra que findou e que, oxalá, seja a última!



(Fotos H. Manuel e G. L. Manuel Frères, Exclusivas da Ilustração)





SIMÃO DA VEIGA — Galgos

OS ESQUELETOS

POR Wenceslau FERNANDEZ FLOREZ LETOS

(Esta crónica, uma das mais célebres do célebre humorista espanhol e querido amigo de Portugal, obteve o prémio «Mariano de Cavlas» de 5.000 pesetas, instituído pelo «A. B. C.», de Madrid).

Vou-me permitir defender a teoria que se me revelou recentemente. A neurastenia não é um desequilíbrio, mas um estado natural do homem, durante o qual se aguçam as percepções e observa o mundo tal e como realmente é. A minha tese afirma que a neurastenia não coloca nus óculos pretos diante dos olhos do homem; limita-se a desmontar-lhe do nariz as lunetas cor de rosa. Um neurastênico vê por toda a parte aborrecimento e tristeza. O mundo então assegura que é um doente. No entanto, há homens eternamente optimistas e alegres, e ninguém diz que, por este sintoma, padeça de falta de saúde. A injustiça é notória e basta enunciar-lhe para se compreender que se estabeleceram um irritante regime de favor para aqueles que estão obstinados em crer ou em dizer que este mundo é um encanto. Não quero agora discutir qual das duas visões é a mais conveniente. Os meus trabalhos, acerca desta questão, não perseguem nenhum fim utilitário; mas sim, especulativo: constituem uma investigação filosófica da verdade. Bem sei que há muitos interesses criados lá volta da alegria e que o Estado e toda a sociedade fazem o mais que podem para conservar essas aparências, ora encarregando obras aos irmãos Quintero, incansáveis optimistas; ora fomentando por diversos meios a divulgação de doutrinas tão singulares como aquela que nos diz que basta um forte sol num céu sem nuvens para a gente se sentir alegre. (Qualquer dia direi algumas verdades acerca dessa alegria do sol). Bem sei, repito, que existe uma ampla conjuração. Alé eu estive em riscos de ser vítima dela. Há pouco, como expusse estas idéas diante dum médico, este atreveu-se a dizer:

— Passe lá por casa. Dar-lhe-hei umas injeções de cacodilato.

— Para quê?

— Para o curar. Quando esgotarmos a segunda caixa, verá como pensa mais alegremente.

— Ah! — gritei — Então o senhor quer adular quimicamente as minhas idéas? Estragá-las? Lá porque eu agora, graças a um milagre que se deu, não sei como, vejo o mundo em toda a sua verdadeira fealdade, vem o senhor com uma seringuinha, pica-me o braço e encharca-me numa alegria vulgar e convencional, de farmácia? Nunca! Não quero afogar a realidade em cacodilatos. Agora compreendo porque os outros revelam essa despreocupada inconsciência, porque não vêem as coisas como eu há algum tempo as vejo... A Humanidade está saturada de cacodilatos. Assim anda tudo.

— Sim; opus-me e opor-me hei sempre. Porque a neurastenia — repare bem — é a lucidez da lógica, é a hipertrofia do senso crítico. Eu tenho agora muito mais senso crítico e ajuizo com muito mais aguda lógica. Talvez que os médicos não saibam isto; mas sei-o eu. E estou maravilhado.

Um exemplo.

Dantes, quando era um homem vulgar, costumava dar um passeio pela rua de Alcalá. Ia do passeio de S. José até ao passeio de «La Union y el Fenix», e seguia. Isto parecia-me natural. Agora, uma tarde em que ia insistir nesse itinerário, assaltou-me esta idéa:

— Não vou a nenhum sítio determinado. Es-

tuou na confluência de várias ruas: Caballero de Gracia, Gran Via, Torres... Porque hei de seguir, porque seguir sempre pela rua de Alcalá?

A pergunta era tão magnificamente razoável que parei. Parei deslumbrado. Dantes, nunca teria uma idéa tão simples e tão fortemente lógica. Se não fosse a minha neurastenia — a compreensão é diáfana — continuaria sempre deambulando por aquele passeio. Quando caí no inesperado descobrimento, pus-me a examinar os motivos que me pudessem aconselhar o trânsito por aquelas vias. Um balanço escrupuloso levou-me à convicção de que havia empate; tanto podia arguir a favor da Gran Via como da rua de Alcalá, de Caballero de Gracia ou das Torres. Fiquei imóvel, como é natural. E este foi outro acto cheio de lógica. Não havia a causa e cessava o efeito. Senti-me orgulhoso com a minha imobilidade, tão solidamente fundamentada. Se alguém me perguntasse:

— Que é que você está aí a fazer?

— Eu responderia como certa soberba:

— Nada; não posso fazer nada além disto. Sou uma consequência filosófica.

Só pensei um instante:

— Se a causa demorar muito a aparecer, vou ficar gelado.

Mas foi só um instante. Dediquei-me logo a contemplar os transeuntes. Iam e vinham, lentos ou apressados, em carros, em electricos, a pé... Pares de enamorados, ruidosos grupos de homens, senhora idosas que se detinham diante das montanhas... E não me custou nada compreender, com esta nova e estranha agudeza de percepção, que tudo aquilo era terrivelmente ridículo. Se eu não estivesse imóvel em consequência dum consciente raciocínio, conter-me hia para não participar daquele fervilhar inútil e não dar a minha cumplicidade àquela aparência de multidão. Que absurdo, que absurdo! Ir e vir, num vai vem constante... Para quê? Lembrei-me subitamente da frase dum grande pensador. Este grande pensador foi um dos autores do famoso crime da Guindalera. Condenaram-no à morte, como é sabido. Já no patíbulo, pediu licença para falar. Avançou até à ponta do estrado. A multidão riu e uivava, como é de rigor nestes casos. O condenado contemplou a buliçosa massa que lhe ia sobreviver e pronunciou estas profundas e verdadeiras palavras:

— Respeitável público: daqui a cem anos, se ireis todos calvos!

Perante a alegria inoportuna dos outros, este homem, às portas da morte, compreendeu que não se pode dar muita importância ao dom efêmero da vida, e quis recordar aos crueis espectadores isto de que ninguém se lembra: que temos que morrer. Mas disse-lho delicadamente, sem altisonâncias, porque era absurdo revestir de pompas uma idéa tão simples. Poderia dizer biblicamente: «Lembrar-vos de que sois pó e de que em pó vos convertereis.» Ou mais cruelmente: «Também morrereis num praso que sempre vos parecerá breve.» E não o disse. Preferiu este suave tropo: «Daqui a cem anos, todos sereis calvos.» Andou bem.

Ele já via em esqueleto toda aquela multidão. Os senhores não podem ver as pessoas vivas como se fosse esqueletos? Eu posso. É outra das vantagens da neurastenia. No dia a que me

refiro, vi toda a rua de Alcalá cheia de esqueletos. Foi precisamente isto o que me fez parecer mais cómica a sua lufa-lufa. Se os senhores vissem, morreriam a rir, pensando ao mesmo tempo coisas de tal ternura que lhes saltariam as lágrimas aos olhos. Experimentem. Não é difícil. São capazes de adivinhar, de baixo dum vestido, o corpo duma mulher?... Pois é mais simples adivinhar o esqueleto de baixo da carne. Eu não tive a menor dificuldade.

Dizia que estava a rua de Alcalá cheia de esqueletos. Um, metido num sobretudo, corria atrás dum electrico dando saltos absurdos. Outros, desconchavados nos sofás dos cafés, deixavam passar as horas. Um esqueleto de homem seguia dialogando com um esqueleto de mulher. Ela parecia contrariada, e ele, triste. Dentro dum quiosque estava outro esqueleto. Chegavam muitos esqueletos, compravam tabaco e saíam, deitando fumo por todas as concavidades da caveira... R ou pensava:

— Para que diabo corre aquela armação de ossos, se afinal de contas... o resultado é o mesmo? Que pequenino assunto, do qual amanhã já não se há de lembrar, o faz expôr a uma queda? E este ser encerrado no quiosque, julgará que vive? Ha quantos anos está assim? Quantos estará ainda? É um vendedor de fumo. Vende fumo e compram-lhe fumo. Que curiosa bagatela! No entanto, parece um esqueleto muito sério, e os que lá vão comprar são também sérios. Vem da cama para este caixão; e deste caixão vai para a cama. Um dia levá-lo hão para outra caixa mais estreita e... eis uma vida. Quanto a estes apaixonados, porque se fazem sofrer mutuamente? Se eu a conhecesse a ela, dir-lhe hia: «Fite os olhos no espelho até conseguir ver o seu próprio esqueleto; pensará então que a vida é um breve dom e há de amar mais e com maior paciência o homem que a ama, e ver como muitos preconceitos, que julgo importantes, não têm importância nenhuma. Depressa!»

R se me dissessem que eram sugestões excessivamente fúnebres, saberia responder gravemente:

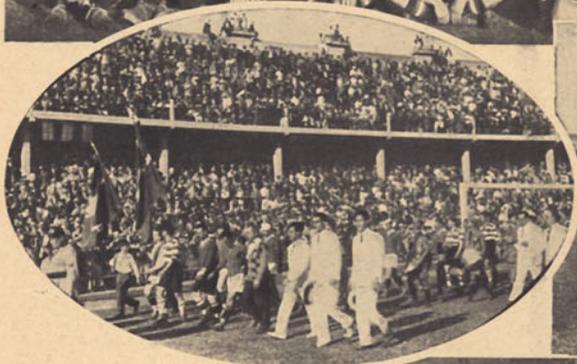
— Não. Isto, que um filósofo descobriu no cadafalso, e que eu verifiquei, numa esquina, imobilizado pela neurastenia, é o estímulo para a bondade humana. Se todos nós conseguíssemos ver na vida o nosso esqueleto e os dos outros, seríamos melhores. Dulcificar-se hiam as paixões e um alento cordial envolveria o mundo. Mais do que os vibrantes artigos escritos a favor das creancinhas russas, pesou na piedade do público uma fotografia onde se viam alguns destes infelizes reduzidos a pele e osso. É não é porque assim se verifique a terrível realidade da fome, mas porque o esqueleto nós lembra, acima de tudo, a nossa irmandade, a nossa semelhança fraterna e também a nossa triste fealdade interior, a nossa miséria substancial. Quando o senhor se achar em perigo de succumbir sob a acção da ira, da vaidade, da coibiça, de qualquer paixão mesquinha, lembre-se do seu esqueleto. Eu disponho deste grande princípio moral desde que me domina a neurastenia.

(Excluído de direitos de tradução e publicação, em Portugal, para «Ilustração».)

O SPORTING NO RIO

(IMPRESSÕES DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

(Fotos inéditas e exclusivas da Ilustração)



EM CIMA, à esquerda: — Os dezasseis jogadores da missão do Sporting

NO OVAL, à esquerda: — O cortejo das equipas antes do jogo com o Fluminense

A ESQUERDA: — As direcções do Fluminense e Vasco da Gama com os delegados do Sporting e os troféus que pelo segundo lhe foram oferecidos

30 de Julho de 1928. — Dezoito dias vão volvidos desde que o «Alcantara», conduzindo a «equipe» do Sporting, demandou a baía de Guanabara, e durante este prazo de tempo, já longo, a nossa permanência em terras privilegiadas do Brasil se tem mantido sempre dentro da mesma atmosfera de carinho e mútua simpatia que constituirão as notas dominantemente significativas desta excursão desportiva.

EM BAIXO: — Outro aspecto da assistência ao baile do Fluminense



Assistência ao baile do Fluminense em honra do Sporting

se façam à permanência da delegação desportiva lusitana em paragens brasileiras; não ponho dúvidas à existência de rivalidades entre os elementos das duas nações, que vozes tão autorizadas levantaram diante de nós como um fantasma aterrador, cuja fúria demolidora a nossa presença exacerbaria; creio que assim seja, mas afirmo que à inversa do previsto pelos profetas pessimistas, o Sporting apenas encontrou amizades brasileiras, provas de estima e apreço, corações abertos e almas devotadas, uma simpatia espontânea que se ofereceu desde o primeiro momento, incondicional, e que o irrepreensível cavalheirismo, a franca camaradagem dos nossos, cimentaram em definitivo num pedestal de fraternidade e mútuo entendimento, bloco solidíssimo sobre o qual poderão assentar com segurança os edifícios futuros das mais íntimas relações desportivas entre os dois

Os mais luxuosos modelos de calçado a expôr no Salão da "Voga" serão os da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CALÇADO ÉLITE, rei dos sapateiros

países mais que irmãos. Rio de Janeiro é um recanto maravilhoso do mundo; não se cansam os olhos de vê-lo, porque a cada momento o aspecto que se oferece é diferente ou, quando conhecido, tanta beleza possui que novos e maiores encantos se descobrem a cada nova inspecção.

A gentileza dos rapazes brasileiros e o empenho de nos tornar conhecida a sua cidade, que tanto admiram, proporcionaram-nos as mais agradáveis digressões, fazendo-nos avaliar por conhecimento directo quão escassas eram as apreciações ouvidas acerca das maravilhas da capital brasileira.

Os contrastes são flagrantes e próximos. A meia hora de automóvel das avenidas moderníssimas do centro, encontramos em



A «equipe» do Fluminense, vencedora, por duas vezes, do Sporting, tal como jogou nos dois desfilos



A arquibancada do Vasco da Gama no dia do jogo com o Sporting

plena selva, na mais bruta floresta tropical, a uma infinidade de distância da civilização.

Os panoramas arquivam-se nos na memória como sucessivas chapas fotográficas, e quando procuramos revê-los e seleccionar o de mais beleza, quedamos perplexos na impossibilidade de solução.

A harmonia atraente das avenidas marginaes, Beira-Mar, Botafogo, Atlântica, acompanhando os caprichos de detalhes da baía ou a curva regular de Copacabana e Le-



EM BAIXO: — A «equipe» do Vasco prestando homenagem à bandeira dos «Leões» do Campo Grande



A arquibancada do Fluminense no dia do jogo com o Sporting

primeiro panorama circular de surpreendente beleza; assistir do alto deste morro, caída a noite, ao acender da cidade, é presenciar a mais deslumbrante apoteose de luz e de grandeza que em sonhos de ambição se possa idealizar.

Mas, ascendidos os setecentos metros do Corcovado, desido o olhar sobre a vasta extensão territorial que o gigante domina, o Pão de Açúcar encolhe-se lá em baixo, modestamente, pigmeu sem direitos de senhorio ante a magestade do colosso. Descrever a visão do Corcovado é tarefa superior aos recursos que me fornece meia hora de extasis reverente. A cidade, mesmo aos pés da montanha parece um aglomerado de cubos, uma

mancha de cal no tapete sombrio da verdura que tudo cobre. Depois, a baía imensa semeada de ilhas, a planície calma do oceano com seu recorte alvo de espuma, e montes, muitos montes inteiramente verdes, esfumando-se ao longe na neblina da tarde, azulando-se e perdendo-se onde o olhar mal alcança.

Bela e generosa paisagem brasileira; terra acolhedora e afável que a nossos olhos abre sua boceta de encantos, acolhendo-nos, sorrindo, com a mesma gallardia afabilidade dos seus filhos!

Três jogos disputou até agora a «equipe» sportinguista, com sorte vária, mas sucesso crescente.

Fracassando em absoluto na primeira luta, em que o Fluminense arrancou um estrondoso 4:1 correspondente à acção de uma sombra de «equipe» portuguesa que pelo campo vagueou sem coesão nem método, o Sporting empatou de seguida com o Vasco uma partida que merecia ganhar e perdeu de novo com o Fluminense um jogo que em justiça acabaria empatando.

Assim vimos conseguindo um reviramento da



Uma fase apertada no jogo Sporting-Fluminense



Os brasileiros são grandes jogadores e criaram um «foot-ball» de escola sua, mais de agilidade que de força, mais de esforço pessoal que de trabalho de conjunto, mas que resulta perigoso e capaz dos maiores feitos.

Destas características se ressentiram os resultados dos portugueses; o primeiro encontro foi de surpresa, e resultou numa diferença de pontos anormal em relação à verdadeira relatividade dos valores em confronto. Acclimatados, conhecedores dos processos dos adversários, os nossos jogadores encontraram-se nas duas partidas seguintes e equilibraram a luta numa nívelação de valores mais em correspondência com a realidade.

O público compreendeu estes factos e, pela sua attitude reflectiu bem a evolução de sentimentos porque passou.

As cerimónias de apresentação das «equipes» antes do inicio do jogo tem no Rio pitorescas características.

No primeiro jogo com o Fluminense formou-se luzido cortejo que deu a pé a volta ao campo. A frente uma banda de música, precedendo as «equipes», alinhadas a um de fundo, alternadamente um português e um brasileiro.

Na primeira fila os guarda-rédes conduziam o estandarte do adversário, ladeados pelos capitães dos grupos.

Ladeando o cortejo, duas filas de escoteiros.

No campo do Vasco as coisas decorreram de modo diferente; os portugueses, dirigentes e jogadores, instalados em automóveis deram a volta pela pista recebendo os aplausos da assistência. Desceram depois ao campo, onde receberam um bronze magnífico das mãos dos dirigentes vascos, dando-se de seguida inicio ao encontro.

As ovações feitas, em ambos campos, à «equipe» portuguesa foram calorosas e sentidas, reflectindo bem o carinho que viemos encontrar nas terras brasileiras.

opinião pública, desiludida pela primeira exhibição, surpresa pela segunda e convencida pela última; hoje o valor do «foot-ball» português é apreciado com respeito e reconhecido como valioso.

Não é meu intento enveredar pelo caminho árido das apreciações técnicas que nestas páginas não podem ter mór interesse, mas é indispensável referir, ainda que superficialmente, quanto vale o «foot-ball» brasileiro através as suas características especialísimas.

O jogo brasileiro surpreende de inicio e impressiona desfavoravelmente. Demasiado rápido, se é aceitavel semelhante designação, choca com as nossas concepções habituais sobre técnica de jogo, contrastando com os processos daqueles que nos habituámos a respeitar como mestres.

Mas, mais bem apreciados os processos brasileiros, a impressão modifica-se e admira-se-lhe a velocidade de invulgar, a extrema effiácia, a vivacidade de execução.

Uma magnífica entrada de Serra e Moura, impedindo um remate dum dos avançados do Fluminense

SALAZAR CARREIRA.



Outro aspecto do Sporting-Fluminense. — Carlos Alves e Jorge correndo à bola

Terá um "stand" no Salão da "Voga" a casa GRANDE BAZAR DO PORTO, LTD., representante dos magníficos gramofones "His Master's Voice"

A CASA PORTUGUESA

CASAL AMÉLIA SINTRA

PROPRIEDADE
DO SR. MANOEL BALTAZAR DIAS



O dono desta casa soube realizar com elementos simples, todos rústicos, o mais saboroso e encantador dos pátios. O largo abrigo com seus esteios cilíndricos é ampliado pela farta copa duma velha figueira. Nada mais repousante, e ao mesmo tempo alegre, que a luz coada pela folhagem, estabelecendo uma fresca penumbra onde brilham as cores vivas do mobiliário alentejano, do rodapé caiado de azul e dos variados e pitorescos acessórios dispostos com bom gosto.

Muito interessante é também o característico miradouro que aqui reproduzimos.

O ESCULTOR JUAN CRISTOBAL

Tinha passado em claro todo o século XIX. Pomposa e farfalluda, arrebiques insolentes e fôrmas engalanadas, sem o menor sentido estético em linhas e conceitos, a escultura espanhola dos séculos passado, a-pesar de fecunda, caracterizou-se por um mau gosto peculiar a toda a dissimulação de pobreza artística e aridez espiritual. A pedra não ofe-

mesmo nome, assombrosa de movimento e de grandiosidade escultórica, e os monumentos já do século XX, ao pintor Rosales, no Passeio de Recoletos, de Mateo Inurria, há pouco falecido; a Perez Galdos e Ramon e Cajal do famoso Victorio Macho, no Retiro, e algumas figuras isoladas do monumento a Afonso XII sobre o lago daquele parque.

Como se vê, tinha passado em claro todo o século XIX. Era de esperar o ressurgimento. E o ressurgimento deu-se.



Cabeça do compositor Manuel de Falla (bronze e pórfiro)

receu barreiras à retórica da época; fiel à sua condição natural de matéria insumbissa, resistiu às mais fortes comoções do espírito e foi cabide onde se penduraram as mais disparatadas fantasias e os realismos menos escultóricos. A estatúria madrilena dessa época dá-nos provas edificantes. A academia, na sua aceção mais pejorativa, impunha o domínio do ofício em palmas de glória, loiros de consagração e florinhas sugestivas. Concebia-se, em arte, o gosto de bem vestir, digno de todo o encómio no cuidado do detalhe; nem um só botão caído e o corte da indumentária tão bem adaptado ao corpo do figurão em homenagem que faria a inveja do mais afamado alfaiate da época. Um primor!

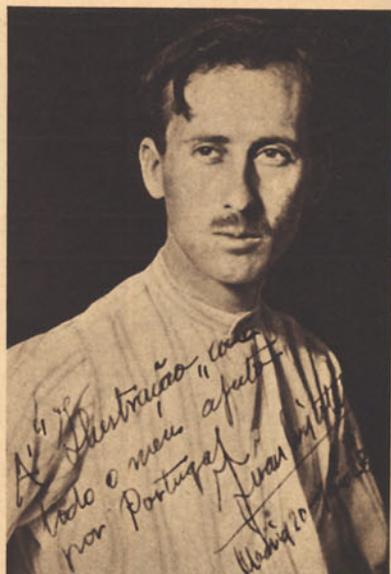
Das dezenas de estátuas e monumentos que se podem ver em Madrid — em Madrid onde existe, senão o melhor, um dos melhores museus do mundo — só se salva meia dúzia delas e nenhuma do século XIX. Destacamos a magnífica estátua equestre de Filipe IV (século XVIII), da autoria italiana, diante do Palácio do Oriente, na praça do

Relacionar assuntos espanhóis com assuntos portugueses, receber ou dar ensinamentos, historiar ou estabelecer a relatividade de factos peninsulares, é sempre proveitoso e salutar, prévio desembaraço daquela idéa limitada e falsa de patriotismo, que tanto



A Sibila, em pórfiro, que se encontra no palácio do Círculo de Belas Artes de Madrid

distingue portugueses e espanhóis. A eficácia do intercâmbio iniciado, está no reconhecimento mútuo dos valores ibéricos e não se nega a êsse reconhecimento sem a consciência das nossas próprias qualidades e defeitos. Se impôr inferioridades próprias é aceitar inferioridades alheias, pretender negar as alheias superioridades é ocultar as próprias supe-

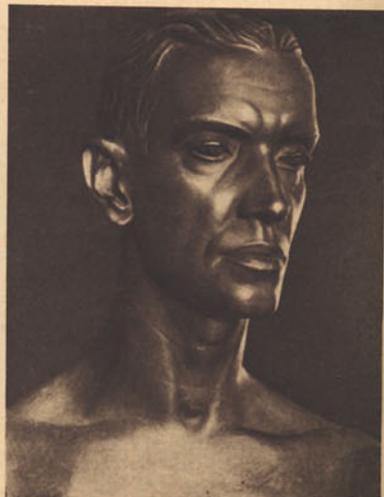


Retrato de Juan Cristóbal especial para Ilustração

rioridades. Só a justiça é cega e o amor da pátria entre nós, portugueses e espanhóis, é, em regra geral, cegueira que conduz a um narcisismo anulador de todo o estímulo de iniciativa. Sejamos justos a julgar os outros e comedidos quando nos julgamos a nós.

Esta isenção é tanto mais necessária quando se trata de assuntos de arte, que, como a mais alta expressão de beleza, rompe com todas as escolas de preconceitos ridículos e mesquinhas predilecções familiares. Admimir a obra artística sobre todas as coisas e se essa for, por feliz coincidência, fruto da terra que nos deu o ser, melhor para nós. Mas a obra acima de tudo.

Houve no século XIX uma forte personalidade de escultor, cuja alta condição de artista coincidiu com a grata condição, para nós, portugueses, de ser português: Soares



O grande escritor Ramón Pérez de Ayala (bronze)



«La Chavó cantora de flamenco (mármore)

dos Reis. Se êle fôsse espanhol, não nos permitiria generalizar as impressões que nos sugere a escultura do século passado neste país; obrigava-nos a marcar uma excepção. O conhecimento em Espanha da Obra de Soares dos Reis seria um grande passo andado para o reconhecimento do nosso pecúlio artístico, com a surpresa de surgir numa época em que aqui não houve escultores de mérito.

Cita-se o nome do excelso compatriota, não — frizemos bem — por fanfarronice patriótica ou amena digressão, mas porque se revela uma verdade que ainda não atravessou fronteiras lusitanas, graças à decidida propensão que todos nós temos para guardar segredos, que não nos beneficiam.

•
•

Apresentada, nas estreitas dimensões duma crónica de revista, a situação da escultura espanhola do século passado, em pugna com uma tradição gloriosa, era de esperar um resurgimento que não desmerecesse da obra dos primitivos até aos grandes imaginários dos séculos XI ao XVIII. E êste resurgimento deu-se.

Júlio António, morto aos trinta anos com uma obra já notável, os citados Mateo Inurria e Victorio Macho, Capus, Barral e Juan Cristobal são nomes que mantêm aquela magnífica tradição. Cada um com o seu matiz

distinto através duma marcada personalidade, está dando à sua pátria uma época interessantíssima de realização de arte que a coloca, em escultura, à cabeça de tódas as outras. E a Juan Cristobal pertence um lugar de honrosa linhagem dentro do actual movimento. Granadino de origem, fez renascer com uma visão moderna a expressão plástica dos seus gloriosos antepassados, impregnando-se do sentido humano-religioso, todo elevada espiritualidade e profundo recolhimento, dos imaginários andaluzes. A sua arte é valioso documento de quanto po-



«La niña del cantaro» (mármore para uma fonte)

de, em dinamismo vital, a virtude duma tradição.

Abrilham estas páginas reproduções de algumas obras do grande escultor.

La Chavó, admirável de simplicidade, isenta de truculências efecistas, dá-nos tóda a força expressiva e a violência anímica dum belo momento de arte.

Os seus retratos, sínteses de linhas, suavi-



Angelita (mármore). — Retrato da Senhora de Solares

dade de modelagem, graciosa estilização, são perfeitos e comunicativos de psicologia. A figura vive de dentro para fóra, sem vincos forçados nem contrastes habilidosos. Está hoje justamente considerado como o primeiro retratista espanhol.

La Sibila, colocada em lugar de honra no «hall» do Palácio do Círculo de Belas Artes de Madrid é um prodígio de expressão rática, sem romper a serenidade que envolve a obra dêste notável artista, e essa maravilhosa mocinha do cantaro, toda uma égloga arrancada à nossa sensibilidade de homem de terras verdes.

Há uma nota curiosa em Juan Cristobal a que devemos aludir: a sua decidida simpatia pelas nossas coisas. Dizia-nos êle outro dia no seu «atelier» — páteo coberto com uma exuberante videira, que lembra as casinhas minhotas dos romances de Júlio Denis — num acentuado sotaque andaluz:

— Ainda não perdi as esperanças de prestar a minha homenagem às mulheres da sua terra. Aquelas figuras de varina são sencillamente estupendas! Dão-me uma sugestão de onda e de mar!... Parece que trazem barquinhas nas ancas. Se eu cá apanhasse um modelo dêsses...

Madrid, Agosto de 1928.

NOVAIS TEIXEIRA.



OS MONUMENTOS NO SÉCULO PASSADO E NA ACTUALIDADE

Durante uns oito séculos fervençosa e pacientemente foram acumulando e engrandecendo os nossos maiores o património monumental-artístico do país e com pleno devotamento cuidaram da sua subsistência, embora, muitas vezes, com prejudicial orientação e compreensão errada das conveniências reformadoras. No infausto século XIX, porém, a toda essa amável solicitude antepõe-se uma ignara indiferença, que, infaustamente se alargou até aos nossos dias; os monumentos caem então num completo e melancólico desamparo e grangeam, mesmo, a malquerença, quando não o ódio, dos homens do novo credo político-social.

A falta de cultura, aliada à desorientação da inteligência, nunca lhes deixou reconhecer tanto o valor tradicional como o artístico dos templos (catedrais, basílicas, igrejas e capelas), dos conventos, dos castelos, das torres e muralhas, dos cruzeiros e pelourinhos, dos paços realengos, municipais, episcopais e senhoriais, das pontes e memórias; daí, pois, redundou o formidando descalabro da mór parte dessas obras arqueológico-artísticas, um ignaro deixa-correr, um furioso bota-abaixo, o gosto perversamente mórbido da destruição, que por Costa Cascais, ilustre bibliógrafo, foi baptisado de demolimania. Depois de um afincio e dilatado saque, muitas igrejas e capelas foram profanadas e transformadas em armazens de várias mercadorias; dos conventos, uns passaram a mãos inglórias, que neles excrementaram toda a casta de malfetorias e desatinos, tal é o caso do de Leça do Balio, ou que os lançaram a um mísero abandono, como o prova o claustro de Cete, outros serviram para assento de repartições públicas, civis e militares, cujos malefícios e cujas tropelias são gravíssimas e sem conta, com o que se perderam bons e copiosos documentos da nossa história arquitectónica e artística; castelos, torres e muralhas, foram desalmadamente, vandálicamente, derribados sob ineptos e falsos pretextos de embelezamento e desafogos, quando, afinal, era a cubiça de suas cantarias a mola dos zêlos bemfeitos.

Corriam os governos uns atrás dos outros e nunca de entre qualquer deles surgiu um homem que atentasse no mal e que pretendesse obstar, por piedade, por patriotismo ou por inteligência, à brutalíssima devastação. Sobeja razão havia, pois, Mousinho da Silveira, idealista dos mais nefastos ao país,

em dizer que as mudanças políticas eram como cópias exactas duma conta cujo extracto se perdeu.

Mas não só aos homens da governação pública cabe tão ignominiosa culpa; dela partilham também todos aqueles que em Portugal lograram situações preponderantes. Por ventura, nas Câmaras, surgiu alguma voz de protesto contra esses vandalismos, dardejou alguém o seu fervente verbo a prol dos monumentos, houve quem para eles pedisse protecção? Nada rezam as crónicas a tal respeito, o que não é para admirações, porquanto o regime parlamentar foi sempre tão útil e honesto que até começou por um calote, o da adaptação do mosteiro de S. Bento a casas camarárias, cujo trabalho nunca foi pago ao ilustre arquiteto Possidónio da Silva.

Se, pois, toda essa gente notável, legisladora e governamental, que, há quasi um século, tem mandado no país, nunca pensou em preservar o património monumental de sevícias e desbaratos, em estabelecer o adequado e imprescindível patrocínio às obras

de valor arqueológico-histórico-artístico, como havia de lembrar-se de dispôr de pecunia para as concertar e conservar?! O que tal pretendesse decerto perpetraria um sacrilégio! A esses tais é que bem se aplica a justa sentença de F. Desnoyers: *il est des morts qu'il faut qu'on tue*.

Algumas vezes, é certo, se ergueram, no volver dos anos, sempre sem acharem eco, a exorar protecção e socorro para os desventurosos monumentos que o tempo, aliado ao abandono (que dois implacáveis e ferinos inimigos!) ia derruindo. Mas quê, como podia ser ouvida a gente sem votos? Assim, baldaram-se os nobres e piedosos esforços, até o de Herculano, o mais probo valor da nação. Tudo se perdeu, tudo foi como que *cantare surdo*, a pesar da valia moral-mental dos honrados patronos, pois nunca nas altas esferas do mando deles, sequer, se deu tento.

Foste menosprêso sistemático, significativo claro da baixa cultura nacional, protrau-se, mesmo, até aos nossos dias e com êle, por vezes, colaborou uma acintosa perseguição,



pois exemplares houve contra os quais se manifestaram assanhados intuitos de exterminio, sem o menor fundamento plausível. Recente é ainda o projecto da demolição da muralha fernandina, que se desdobra de Santa Clara aos Guindais. Ora se desprezar os monumentos é uma coisa brutal, o perseguirlos é um sacrilégio, no-lo ensina Herculano, o grande Mestre.

Mas enquanto as nossas camadas dirigentes e o nosso escol governativo sempre mantiveram tão indigna e deplorável atitude com os monumentos e os dirigidos não se fartaram de os derribar e saquear, os selvagens do Brasil, refere o illustre escritor brasileiro Matheus de Albuquerque, nunca mutilaram o padrão das quinas sagradas levantado por Pedro Álvares Cabral nas terras maravilhosas do seu faustoso descobrimento. Que singular contraste!

Em boa hora, porém, parece chegado o fim da má sina dos monumentos, parece ter surgido—*tandem aliquando!*—a fortunosa era da carinhosa afeição dos elementos officiais, que tão precisa lhes é para seu salvamento. O ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, lembrado, talvez, da nobre ensinância do preclaro Fustel de Coulanges, segundo a qual o verdadeiro patriotismo é o amor do passado, levanta—acto inédito nas portentosas regiões do mando!—o pendão do patrocínio às sagradas relíquias da nossa gloriosa história, manifesta-se decidida, enérgica e devotadamente, o protector da obra nobilíssima e altamente patriótica, que só por si vale pelo melhor e mais honroso dos mandatos governativos, de restauração e conservação do nosso excelente património arqueológico, monumental e artístico. As fôlas ministeriaes, aptas para beattitudes confortáveis, as honrarias soberbas e exhibicionistas do cargo, as genuflexões e lições dos amigos e admiradores certos da vara mágica do poder, a imponência do correio agalado, que para tantos e tantos tem sido um capitolio grotesco, em cujas mofinas e mesquinhas delicias muitos e muitos se deixaram burlesca e fatuamente adormecer, como se fôsem as de Capua, não o fizeram esquecer dos deveres do seu múnus, das responsabilidades do seu nome illustre, e ei-lo, pois, afervorado na obra admirável, bem nacionalista, do ressurgimento da nossa menospresada, a pesar de magnífica, riqueza monumental.

É que não basta nascer em Portugal para se ser português, tal como não bastava, dizia o serrano, nascer nas Vascongadas para ser-se basco. Algo mais entra em conta para se caracterizar um bom cidadão, na sua finalidade individual e colectiva; mas é isso, precisamente, o que quasi sempre se olvida, pois trabalhoso se torna o enfrentar as responsabilidades e satisfazer os deveres, com sciência e consciência, das funções que se desempenham, embora nas palrarias solenes não minguem as enfáticas apologias pessoais e os irrisórios panegiricos reciprocos. Daqui tem procedido a nossa aluvião de pessoas sérias com a cabeça vazia, de cujos maleficios está cneio o país, o que confirma o justo juizo de Daudet, segundo o qual são elas um perigo para os povos. Sob a sua influencia daninha sossobram, geralmente, as iniciativas e os esforços dos que, com a cabeça bem recheada, pretendem estabelecer directrizes novas na rota progressiva e útil do país ou realizar obras vantajosas para o engrandecimento nacional.

Vasta e importantíssima, como bela e prestimosa, é, sem dúvida, a tarefa intentada galhardamente pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães, tão certo é, como no-lo ensina Vauvenargues, que os homens de valor atacam grandes coisas porque elas são grandes e os

tôlos, porque as julgam fáceis. Sua realização, pois, demorará largos anos e isso pode ocasionar, como bastas vezes tem acontecido, a falência de tão nobre e necessária obra, dado o mesquinho e escurril espirito liberalista ainda subsistente, dada a penúria mental e moral do meio politico do país. Entre nós, quando às boas empresas falta o alento original, é quasi certa a sua perda; por preguiça, por ignorância ou envidia, deixam-se parar, põe-se-lhes um travão, e ei-las inutilizadas, malogradas. E por mais censuras e recriminações que surjam contra o misero séstro, que vituperem o hábito nefasto, nada se consegue. Mestre Destouches teve razão ao sentenciar: *chassez le naturel... il revient au galop.*

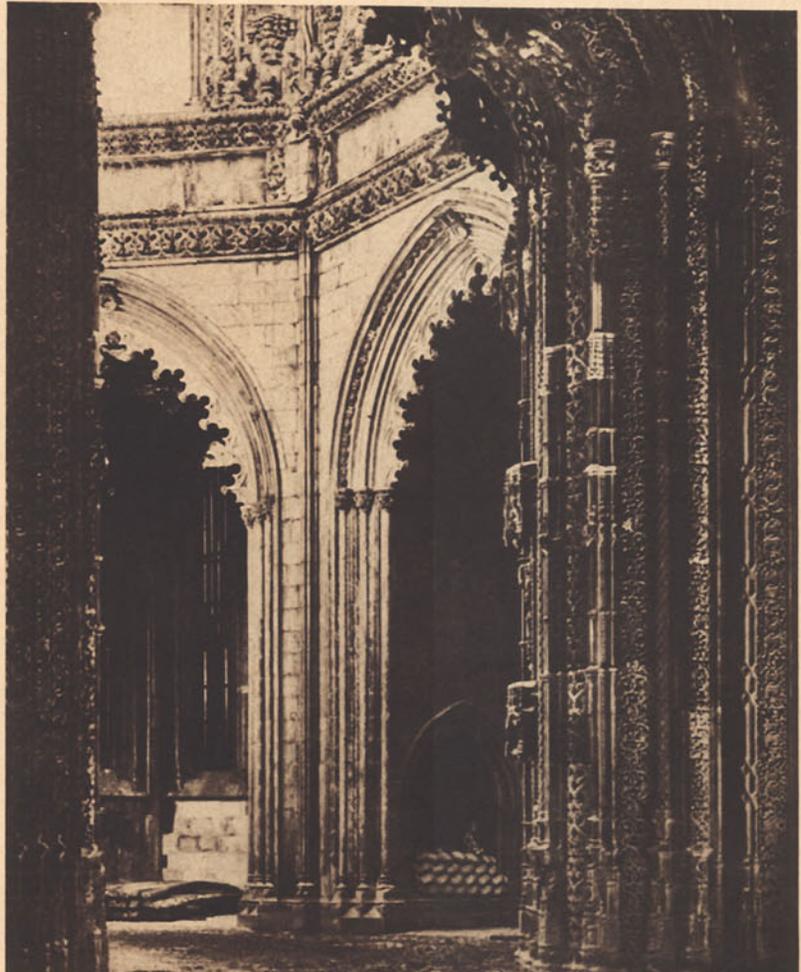
Desta feita, sem os otimismoes de Pangloss, tendo a crer que a tarefa excelente da restauração e conservação dos monumentos proseguirá desvelada e cuidadosamente, não só pelo vigor do impulso recebido como pelas fartas simpatias, pelo carinhoso interesse, que lhe devota o povo. É manifesto que a nação aprova e sanciona essa obra, que a deseja e estima. Por si, falta do amparo official, já ela, de há muito, se esforça por salvar alguns dos seus padrões arqueológico-históricos da ruína, do total exterminio. São notabilíssimos os casos do Castelo da Feira, sobérbo exemplar militar medieval, e da Igreja da Serra do Pilar, bela peça renascença, com seu claustro redondo, único no país. A custa de muitas dedicações e cansaças, especialmente gastas pelos srs dr. Aguiar Cardoso e Ramiro Mourão, de são patriotismo,

isentaram-se esses monumentos das servicias do tempo e dos homens, e não só se lhes evitou o calamitoso arruinamento como se se tem reposto nas condições primitivas de beleza e força. Estas restaurações, sobretudo a do Castelo da Feira, são effectivadas, a par dum affectuoso enternecimento, em circumstancias do melhor bom senso, de avisada ponderação e meticulosidade (que entre nós tão raro se registam), e isso, afortunadamente, nos garante a sua lídima e integral reforma.

Ora esses zêlos e essas energias particulaes a prol dos nossos monumentos, desde que superiormente appareceu alguém que os ama e protege, que fomenta o seu culto, tem vicejado com larga e próspera feracidade, quer pela constituição dos corpos protectores dos mesmos quer por ofertas avultadas de dinheiros para a notabilíssima empresa acometida pelo ministro da Instrução. Mais uma vez se prova que as boas lições sempre proliferam e que elas hão-de partir de cima!

Testemunho seguro de vero patriotismo, de sã intelligência e de justa dignidade nacionalista é o do amor ao monumento, o da sua protecção, o do seu respeito. A todos nós, pois, cumpre, observá-lo, manifestá-lo, porque os monumentos, segundo Ruskin, o mestre da Beleza, não são verdadeiramente nossos, pertencem em parte aos que os fizeram e em parte às gerações vindouras e os mortos tem ainda um direito sagrado sobre eles,

CARLOS DE PASSOS.



O BOM
HUMOR
NAS
PRAIAS



Aquelas que ainda, por snobismo ou estulta vaidade, ao falar das praias portuguesas, franzem o beigo com postico deslempado do Eça e declaram, espremidamente, que as nossas banhistas são sensaboronas e «gauchas», têm nesta página o seu mais formal desmentido. Nas formosíssimas praias portuguesas há, como lá fora, ou mais do que lá fora, formosas banhistas, risonhas, alegres, cheias de bom humor e de saúde, modelos de graciosidade e de encanto, aspirando a largos haustos, a vida e a alegria que lhe trazem, em oferenda, o mar, a briza e o sol de magia

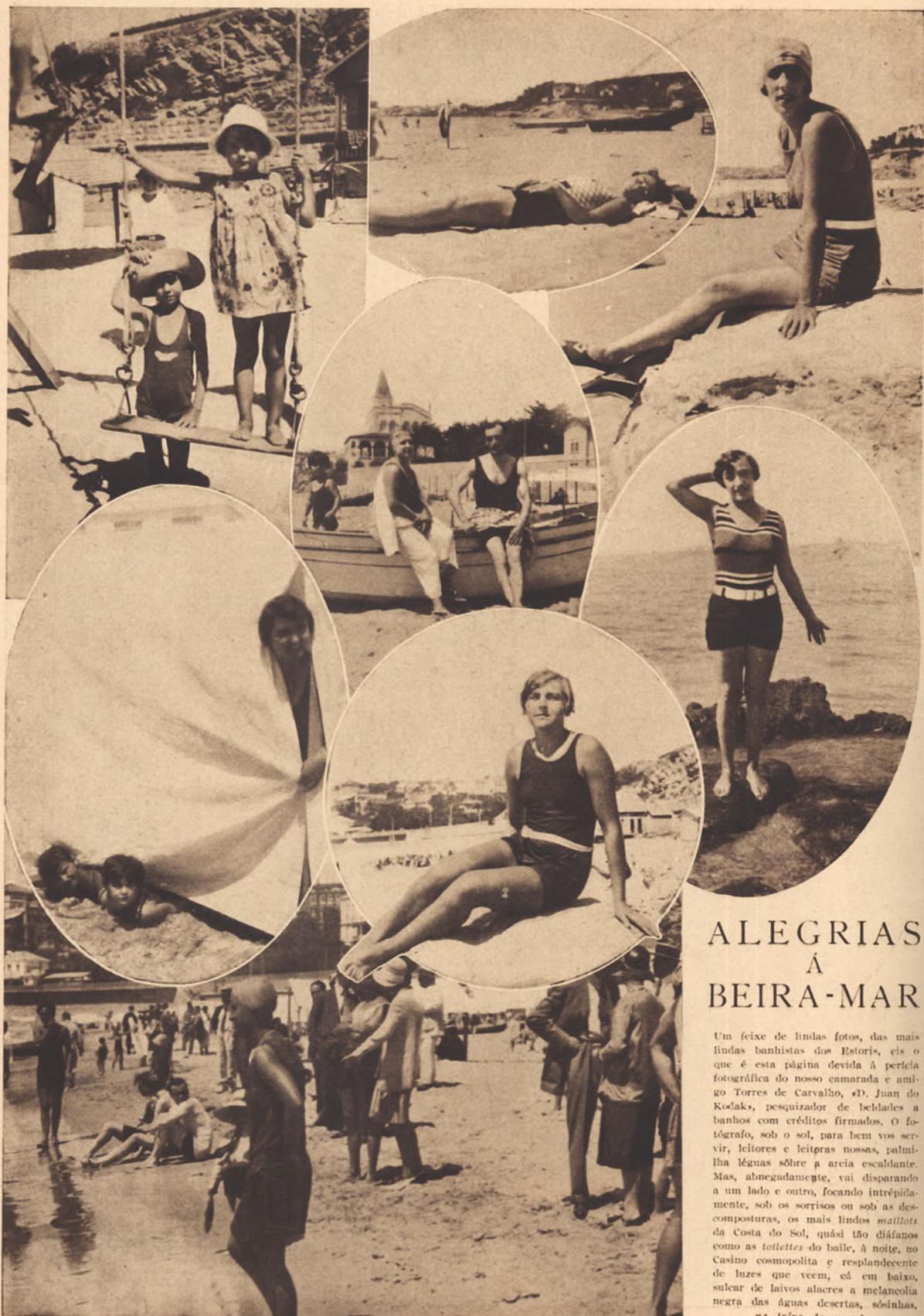
(Fotos «Ilustrações».)

**BASTOS SILVA, LTD.ª, e PARIS-CHIADO, reis das novidades, malas de senhora, etc.,
apresentam-se no Salão da "Voga"**

PELAS PRAIAS DO NORTE



Por toda a grande faixa de areia que, sob o sol maravilhoso, se estende preguiçante, de Caminha à aristocrática Figueira; Vila do Conde e a Póvoa, Espinho cosmopolita, mais, peninsular, Granja aristocrática, Barra de Aveiro familiar e discreta, vai, nestes meses de verão, uma longa e forte quermesse colorida de alegria e saúde. As praias de Portugal, das primeiras do mundo, veem, todos os anos cenas idênticas, de idêntico pitoresco; o fotógrafo amador kodakizando meninas vestidas de garrido, os *maillots* europeus expondo divinas esculturas à admiração dos devotos da plástica, crianças pulando, cheias de saúde, na baba moleza da ressaca e os pequenos grupos quasi domésticos, sob toldos ou sombrinhas numa costureira de trabalhos manuais e namoricos, absolutamente peninsulares.



ALEGRIAS À BEIRA-MAR

Um feixe de lindas fotos, das mais lindas banhistas dos Estoris, eis o que é esta página devida à perla fotográfica do nosso camarada e amigo Torres de Carvalho, «D. Juan do Kodak», pesquisador de bealdades a banhos com créditos firmados. O fotógrafo, sob o sol, para bem vos servir, leitores e leitoras nossas, palmilha léguas sobre a areia escaldante. Mas, abnegadamente, vai disparando a um lado e outro, focando intrépidamente, sob os sorrisos ou sob as descomposturas, os mais lindos *maillots* da Costa do Sol, quasi tão diáfanos como as *toliettes* do baile. À noite, no Casino cosmopolita e resplandecente de luzes que veem, cá em baixo, sulcar de laivos alacres a melancolia negra das águas desertas, sósinhas, na tréva do mundo

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

O SÁBIO DA AZINHAGA DO ASNO

INVENTOU O MOTOR-CONTÍNUO, NEGA A FORÇA DA GRAVIDADE, DESCOBRIU A CURA DA TUBERCULOSE, EVITA A QUEDA DOS AEROPLANOS E FAZ EXPERIÊNCIAS EM TODOS OS CORPOS

Idade, 55 anos; estatura, um metro e sessenta centímetros; cabelo grisalho; olhos castanhos; rosto oval; nariz regular; boca idem; barba grisalha; cor branca — tais eram os sinais do sr. Francisco Esteves Barbosa quando, há oito anos, lhe forneceram passaporte em Madrid para regressar a Portugal. Hoje, os seus sinais não são inteiramente os mesmos. Há alterações a fazer na idade, que é de sessenta e três anos, e no cabelo e barba, que são completamente brancos.

Aparte estes pequenos nada, o sr. Francisco Esteves Barbosa continua a ser, mais perfeito talvez com a experiência da idade, um cérebro privilegiado que a Natureza fadou para os grandes cometimentos mentais e que os homens, invejosos e mesquinhos, persistem em desprezar.

Mas nós, que sabemos da existência do sábio, não desdenhámos em procurá-lo no seu esconderijo longínquo, na Azinhaga do Asno, onde encontrou moradia modesta na companhia afável de Modesta, que tem vinte anos, e além de ser modesta é simpática e casou com ele por amor.

Os leitores não sabem onde fica a azinhaga do sr. Barbosa? Em chegando ao extremo da rua da Beneficência, ao Rêgo, logo lhe dizem onde é a Azinhaga do Asno. É um pedaço de província dentro da área de Lisboa. Desce-se uma estrada, que serpenteia entre quintas verdejantes e lá em baixo, à esquerda, há uma fileira de casas térreas, nuns campos, que vão ondulando, muito verdes, até começarem a subir uma das vertentes da serra de Monsanto. Numa dessas casas vivem o sr. Barbosa e a consorte.

Nem sempre os grandes homens gosam de grande fama. Ora, o sr. Barbosa, a despeito de medir apenas um metro e sessenta centímetros de altura, é um grande homem de fama redimida. O seu nome, que poderia enfileirar, sem favor, ao lado de um Pasteur ou de um Newton, é pouco conhecido; os leitores ignoram-no, decerto, como nós o ignorámos até o dia em que o acaso nos fez cair ao alcance da vista este prospecto admirável de concisão, eloquente e expressivo:

UTILIDADE PÚBLICA

Ao Povo, Militarismo e Corpo da Polícia que se encontram enfermos podem desde já reclamar as suas curas dos seguintes padecimentos:

Tuberculose, Tísico, Morfeia, Chagas, e Duplo-soprahartico, e Inflamações Intestinais.

Todos estes padecimentos já estão ensaiados e feitas algumas curas, como tenho documentos da cura de uma tísica que a posso apresentar com conhecimento das respectivas autoridades e de um médico e outras maravilhas a apresentar ao meu país e por isso as 3 colectividades citadas que nomeiem delegados para formar uma comissão a fim de se pôr em prática as curas mencionadas e desde já alguma individualidade que se encontre atencido das enfermidades mencionadas pode pedir autorização ao Ex.º Sr. Ministro do Interior que eu em poucos dias lhe accentuarei bastantes melhoras e para o povo ficar sciente da cura deve ouvir explicações do nosso organismo e o efeito da medicina e como se extrai o bacilo Koch e os germes mórbidos que para esse fim devo dar uma conferência em combinação com a comissão.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1928.

Para entendimento:

F. ESTEVES BARBOSA

Azinhaga do Asno, Palma de Cima, letras J. I. N.

É possível que alguns dos nossos leitores não estejam à altura de compreender este mimo literário e ignorem os motivos porque Esteves Barbosa pretende fazer experiências científicas

cas no Corpo da Polícia depois de, com maravilhoso êxito, as ter feito no seu corpo e no corpo de Dona Modesta. É possível que os leitores não compreendam bem o prospecto do illustre sábio porque nós, que não somos, enfim, completamente desprovidos de inteligência, também não o compreendemos — e foi essa incompreensão que nos fez palmilhar (em mar-

ter, maravilhava-nos com uma curiosa dissertação científica.

— O senhor acredita na atracção da Terra? — perguntou-nos elle, sorrindo irónicamente na expectativa da nossa ignorância. E como nós acreditássemos, elle exclamou:

— Nego essa teoria científica! A Terra não atrai os corpos. Isso de centro de gravidade é uma cantiga. Se a Terra atrahesse os corpos ninguém se poderia mover, ficaríamos grudados ao solo como ostra à rocha.

E sem nos permitir ao menos uma débil discordância, Barbosa, num gesto esmagador, afirmou:

— O que existe é a compressão universal! E além da compressão universal, que provém do Sol, a lei, a grande lei do peso, ou seja, o *morcole*.

Curvámos nos arquejantes, humilhados ante aquela teoria de peso e o sr. Barbosa, não nos permitindo soltar um ai sequer, prosseguiu em argumentação cerrada:

— Se existisse a atracção da Terra, meu caro, não cresceria uma planta, não germinaria um grão e o mundo seria escaldado e nú como um pécego careca.

Vamos a ripostar, mas Barbosa não deixou, levado já, num arrebatamento, para um problema mais transcendental.

— O senhor acredita no calor do Sol?

Mal tivemos tempo de acenar afirmativamente com a cabeça e já o sábio da Azinhaga do Asno nos fulminava com um *não!* enérgico, decisivo.

— Não, não é o Sol que aquece a Terra! É esta que tem calor próprio. De resto, se o Sol nos aquece, porque motivo, trepando nós aos pontos mais altos, isto é, aproximando-nos do Sol, sentimos mais frio? Não, meu amigo, não é o Sol que nos aquece, é a Terra, porque a Terra é um planeta e os planetas têm calor seu, irradiante da sua matéria.

— Mas a Lua não tem esse calor — arriscámos a mudo.

— Mas a Lua — atalhou Barbosa — não é um planeta.

— ?!!!

— É um cometa.

Foi assim, com conceitos seguros e inabaláveis, que o marido de Dona Modesta nos prova que os planetas eram tanto mais quentes quanto mais longe do Sol estavam e que não é possível, como alguém julga, comunicar com Marte por meio da telegrafia sem fios.

E ainda o nosso pensamento, impellido pela dialectica poderosa do illustre homem de sciência, pairava para lá de Neptuno e Júpiter e já outra afirmação nos chamava à realidade, enchendo-nos de pavor.

— Os homens são todos cegos — dizia elle, reforçando o seu bigode branco. — Os olhos não têm vista própria. O senhor é capaz de ver alguma coisa às escuras? Não, não é, porque o senhor é cego.

— O sr. Barbosa!

— Já lhe disse: é cego. O que existe nos seus olhos é um aparelho reflector, tal qual um espelho. Um espelho não vê, é tão cego como qualquer de nós. As escuras, um espelho não reflecte, pela mesma razão que os seus olhos não vêem.

A feliz intervenção de Dona Modesta salvou-me de uma cegueira completa. Vimola — com estes dois que a terra há de comer — apresentar a seu marido um massa de papeis. Bram os documentos que elle tinha reclamado, logo que entrámos no seu tugúrio.



O senhor Francisco Esteves Barbosa

cha de resistência poucos nos levam a palma) até Palma de Cima.

O sr. Esteves Barbosa recebeu-nos galhardamente num quarto pobre, onde havia uma larga cama de ferro, algumas cadeiras amontoadas, uma meza repleta de bugigangas e um gato preguiçoso, enroscado num sono profundo que a nossa presença não alterou.

— Modesta, dá-me cá os documentos — disse elle, sem mais delongas.

E enquanto D. Modesta de Jesus Barbosa procurava os documentos, o sábio, para entre-

As Companhias Reunidas do Gás e Electricidade terão no Salão da "Voga" uma maravilhosa cozinha-ideal eléctrica

— Estes documentos — disse com gravidade o sr. Esteves Barbosa — provam até que ponto os meus méritos foram reconhecidos em Espanha.

Cabe aqui frisar que, se em Portugal nem sempre se tem prestado justiça a tão lúcida inteligência, outro tanto não aconteceu no reino vizinho. Barbosa principiou a ser célebre em Talavera de la Reina e acabou por ser admirado no Palácio de El-Rey, onde entrou uma petição sua que foi atendida da seguinte maneira:

El Secretario de S. M. El Rey

en respuesta a la instancia que ha dirigido a Su Magestad el Rey a. D. G., con fecha 12 del corriente, sienta tener que manifestarle que el Augusto Soberano no puede intervenir nunca en asuntos como el que menciona en su cédulo escrito, en todo caso si sus observaciones y estudios han merecido la aprobacion de personas doctas y competentes, puede dirigirse al Ministerio de la Gobernacion.

Al Señor

Don F. Estevez Barbosa.

O sábio provou-nos que esta carta não é, como á primeira vista parece, uma maneira gentil de El-Rey se livrar de maçadas. Está convencido de que o soberano espanhol lhe deu uma protecção indirecta, mandando-o para o Ministério da Gobernacion que o atendesse. Poderia tê-lo mandado para outro sítio qualquer, como as autoridades portuguesas em Madrid — que o mandaram para Portugal.

Foi em 1920 que êle aqui chegou na companhia da sua Modesta e de algumas peças do seu invento mais famoso — o moto-contínuo. Na Câmara Municipal de Lisboa realizou então duas conferencias estupendas, demonstrando que o seu aparelho era proveniente das pedras de abóbora. A Câmara, entusiasmada, dá-lhe um subsídio de quinhentos mil réis por mês, casa de graça, exigindo-lhe em troca que montasse o aparelho. Levou cerca de cinco anos a montá-lo, que êle era mais difficil de domar do que um cavallo selvagem. E quando, na presença de pessoas insuspeitas, cujo testemunho evoca, o maravilhoso invento estava quasi pronto, o governo actual, num desprezo inexplicável pelo seu saber, retirou-lhe o subsídio e a casa, obrigando-o, descoroado, a bater em retirada para a Avinhaga do Asno.

Mas Esteves Barbosa não desanimou. A sua vingança vai ser terrível. Querem reduzi-lo á miséria? Querem matá-lo com desgostos? Pois êle, só para fazer pirraça aos inimigos, vai viver cento e tantos anos! Sim, porque Barbosa pode viver os anos que lhe der na gana. O problema dos anos está por êle há muito resolvido. Descobriu a cura do hemorroidal, da tuberculose, da morfeia, do cancro — pode viver enquanto lhe apetece.

E sabem os leitores onde reside a cura de todos estes males fatais? Ele explica:

— No alcatrão. Extrai-se a este alimento (êle emprega alimento em vez de elemento) o ácido *pirrolgónhoso*. Bem. Fica o alcatrão apenas com as propriedades *terepauticas* (diz *terepauticas* em lugar de terapêuticas). Com esta substância, adoçada com cânfora para os males exteriores e com *ódio* (troca *iodo* por *ódio*) para as lesões interiores, consigo debelar as maiores enfermidades que affligem a humanidade. E assim que eu faço a extração do bacilo de Kock.

— Do carvão...

— Não, do bacilo — elucidou o sr. Barbosa.

Foi pelo processo do alcatrão concentrado, fruto de muita concentração e estudo do douto homem, que Dona Modesta se curou de uma tuberculose intestinal. Vimos o seu retrato do tempo de enferma, magra, esquelética, e vimos-la ali, perto de nós, gorda, escurrita, vendendo saúde pelas boas cores do seu rosto e pelo vermelho dos seus olhos inflamados.

Mas o sr. Esteves Barbosa, cuja inteligência inquieta trabalha mesmo quando está dormindo, não se ficou apenas nestas descobertas que já bastariam para tornar o seu nome o mais glorioso do universo. Ele, segundo confessa, veio ao mundo com uma missão superior: inventar. Por isso, além do moto-contínuo e da cura da tuberculose, morfeia, cancro e duplo-sopro-haortica, descobriu um aparelho que evita a queda vertiginosa dos aeroplanos. Apresentou a sua genial idea ao tenente-coronel Cifka Duarte, mas êste, até hoje, ainda não

teve a gentileza de lhe dar uma resposta concreta.

Tão pouco um aparelho de pesca de seu engenho, com o qual seria possível apanhar-se peixe na superficie de uma milha quadrada, foi aproveitado como merecia por êste país empobrecido, que assim despreza a riqueza da inteligência dos seus homens mais illustres.

Barbosa é um esquecido. Presentemente, encontra-se na miséria. Não tem trabalho, não tem protecção, nem uma fábrica onde utilizar o seu mérito de oleiro que, segundo a vizinhança, é o seu officio predilecto. Restam-lhe os seus sonhos de glória e a sua Modesta, que o admira e venera como se êle fôsse um Deus.

Uma grande simpatia nos ligou, durante o curto silêncio, áquele homem sonhador, áquele iludido que, como tantos outros que gosam de reputação mundial, julgam resolver com theorias pueris os mais altos problemas.

— Minha mulher casou comigo por amor — segredou-nos. — Em Talavera de la Reina curia-a da tuberculose intestinal. Ficou tendo por mim uma adoração tão grande que, ao retirar-me para Portugal, quis acompanhar-me. Sua mãe opunha-se e ela, então, jurou que se não a deixassem vir comigo para Lisboa se suicidaria. Um dia agarraram-na precisamente no instante em que ia arremessar-se ao Tejo. Veiu comigo. Cá está na minha companhia, con-



O sábio terapêuta no seu parque, local de suas meditações

Era noite profunda quando abandonámos a casa do sonhador. Ele quis vir acompanhar-nos durante uma boa parte do caminho. Pairava na atmosfera um brando perfume campesino. Os raios cantavam ao longe e as rãs, num charco próximo, coaxavam na sombra. A beira da estrada as oliveiras emergiam do negrume da noite, silenciosas, e escutavam, discretas, as confidências do velho.

— Se houvesse alguém — confidenciava-nos êle — que desse a conhecer ao mundo os meus inventos, e surgisse um capitalista que, lealmente, de sociedade comigo, quisesse explorá-los, fariamos uma fortuna em poucos anos. Auxilie-me o senhor, e saberei recompensá-lo. Com a minha inteligência poderia fazer a minha felicidade e a da minha Modesta.

Deteve-se todo concentrado numa grande emoção íntima. Lado a lado, na estrada, não se ouviam senão os nossos passos vagarosos e o arquejar dos raios nos campos adormecidos.

tente, feliz... Tenho pena de ser muito mais velho do que ela, tenho muita pena...

Calou-se, triste e scismático. Na obscuridade apenas o seu bigode alvejava. Pareceu-me que tremia. Pobre velho. Talvez chorasse, talvez alguma lágrima teimosa corresse pelas faces enrugadas. Mas nós não a vimos porque, segundo êle afirma, os nossos olhos são cegos durante a noite escura.

Mas quando os olhos da cara não vêem, os da alma penetram as outras almas e lêem claro a tragédia alheia, mesmo que ela se apresente vestida com os trajes jogralescos do mais cómico desequilíbrio mental.

— Boa noite.

— Adeus.

E Esteves Barbosa afastando-se, vaga sombria deixando na sombra da estrada, sumiu-se como um sonho que se desfaz.

MÁRIO DOMINGUES.

FRIGIDAIRE, o maravilhoso frigorífico-conservador, estará em logar de destaque, trabalhando no Salão da "Voga"



(FRAGMENTOS DUMA NOVELA)

Desde o Cairo que isto se vem armando, com a minha cumplicidade passiva de homem e a iniciativa de sua vontade, embora dissimulada de mulher.

Parece ironia ou paradoxo dizê-lo, mas é a verdade mesma, além das aparências: são as mulheres que querem e fazem o nosso destino de homens. Nós somos títeres, nas mãos delas, pois que, de sua fraqueza, elas comandam a nossa vaidade. Com outro sentido, o título do livro de Pierre Louys: «La femme et le pantin». Boneco de engonço é todo e qualquer homem.

Elas são fracas, sim, porque a natureza lhes preparou a queda, que elas procuram; nós somos defendidos apenas pela nossa vaidade, que nos impede tantas vezes tentar. Há em Nova-York, na intersecção de Broadway com a Quinta Avenida, um edifício triangular, o «Iron Flat Building», o «ferro de engomar», em cuja esquina um vento constante suspende as roupas das mulheres; e como suspende também a poeira do chão, ela vem ter aos olhos dos homens. Um dístico, já popular, comenta, jocosamente: «O Diabo é mau, levanta as saias das mulheres; mas Deus é bom, lança pó nos olhos dos homens».

É assim também aqui. De tão fracas, as mulheres estavam caindo a tóla a hora, se os homens não fôsem tão vaidosos, e o tentassem, a qualquer hora. A moral é salva, tantíssimas vezes, porque tendo dado o Diabo a fraqueza a um sexo, Deus, ao invés, deu a vaidade ao outro. Nunca se saberá, bastantemente, como, por isso, não ousam. Se ousassem... que calamidade, para a moral!

Um que ousava—um de entre mil!—recebendo a bofetada de uma dama, polidamente agradecem. Diante de tal compostura, que evitava escândalo maior, essa mesma lhe perguntou como êle era, assim, tão petulante:

—Em dez mulheres, respondeu, a quem me dirigi neste mês, quatro me abriram logo os braços; três não fizeram nada; duas responderam «não», e uma me deu esta bofetada. Amei as quatro; as três deixaram-se amar; duas me perseguem agora com a sua paixão e uma me castigou... Vê que tenho saldo. Esta uma quis saber o romance das outras, fazendo esquecer a bofetada, ou pondo a emoção dela, como um sofrimento, tempero amargo ou ardente, nesse amor, sem isso insólito.

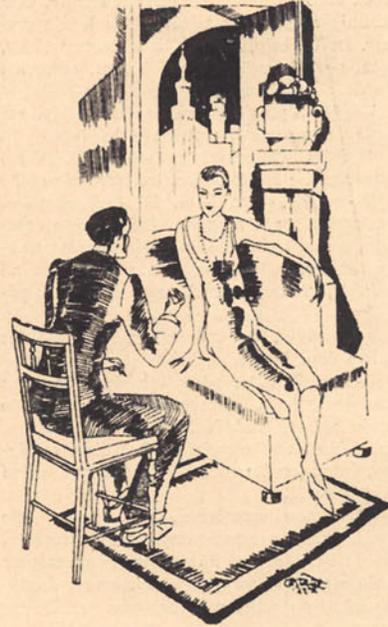
É tão difícil não amar a quem nos ama! Contudo, resolvi resistir à dama do Cairo. Eramos hóspedes do mesmo circumspecto «Shepherd's Hotel», mesas próximas, e nos

olhávamos para dizer que nos agradávamos. Vi o seu nome, e o do marido, no registo:

«Mr. and Mrs. George D. Levy, of Rochester, N. Y. U. S. A.»

Concluí: «Judeus». Ricos, o que é quase pleonasmo, pelo trato, as jóias, o hotel, a viliatura de Egipto.

Travámos então relações de palavras, pois a de olhares já vinha de antes. Partiam, Nilo acima, dias depois, e eu fui com êles... Mas



os ingleses, americanos, australianos e canadenses de bordo, não nos deixaram um instante, sem a companhia de sua admiração indiscreta de «touriste»; nas excursões, sempre por êles acompanhados, e mais os guias e os burrinhos.

Ela entendeu que só o deserto nos salvaria desses estorvos. E me convidou para tentar o deserto. Desembarcámos em Kênê. O marido encomendára tendas, e todo um material para excursão, com um «khabir» ou guia, de primeira ordem, dez ou dôze camelos, e outros tantos serviçais, com que afrontar o deserto de Iéste, a estrada que do Nilo vai à costa do Mar Vermelho ou do Golfo Árabe. No caminho, exploração de ouro, castelos francos, ruínas romanas, inscrições de abórgenes, minas de esmeralda, rochas cobertas de «graffiti» como caracteres he-

nos, latinos, coptas, persas, árabes, himaritas, sinaiticos... uma babel ideográfica, que as caravanas vieram deixando com o tempo, e faziam história... Trajano, Adriano, Amenofis IV, Ramsés IV, Dário, Xerxes, Artaxerxes, até chegar a Lekeita, ou Koseir, ou Berenike... ao mar, da lado das Índias...

Deixei-me tentar, e aceitei a hospitalidade, embora o perigo. Para outros, o perigo a que me refiro, seria até incentivo: um amor oferecido, de presente, num cenário de lenda e de fábula... Balkiss, rainha de Sabá, nos tempos de hoje, levando para o deserto o namorado, a quem se ia dar.

Mas eu era moderno de mais, temia complicações, fazia conscienciosamente a minha arqueologia de «touriste», e, sobretudo, tinha o pecado da lealdade. Enfim, era um homem tímido. Começo o pão da hospitalidade, viajando confortavelmente à custa de outrem, como ainda tomar-lhe a mulher? Era a desculpa da minha vaidade.

Resolvi resistir. Estava no Egipto, representaria de José. Foi êsse o nome que lhe veio à boca, quando, na primeira pausa do caminho, no caravanserralho de Bir-Ambar, no decôro magnífico de colunas e cúpulas, pátios e pórticos árabes, à luz rosada de lua no deserto, enquanto o marido, fatigado de arqueologia, cabeceava na sala de leitura.

Ela se aproximára de mim, tentando a sedução. Fiz-me desentendido, o que as mulheres bem entendem com uma repulsa. Mordeu o lábio e uma palidez de emoção, a do despeito, distinguiu-lhe o rosto. Fez uma pausa, indecisa, talvez, se não devia parar e retroceder, desconversar e partir. Mas um mau espírito de represália, a vingança pela ironia, parece que a impediu. Foi então, com uma voz branca, mal segura, que lhe ouvi perguntar-me:

—Nunca pensou que o caso de José do Egipto fôsse fabuloso?

Compreendi o remoque, mais resolvi não dar flanco ao revide.

—Um caso pensado, qualquer, é real, existe, pois que até chegamos ao imaginar. Creio que há uma filosofia inteira a tirar de um aforismo que dissesse: *Nihil est in mente quod simul non sit in re*. Não se pensa ou imagina, pois, senão o que existe ou pode existir. José é um mito? Talvez. Um caso concreto dá lugar a uma indução, que simboliza mil factos semelhantes. Há quem seja capaz de tudo pela luxúria, há porém quem até a luxúria sacrifique à lealdade...

—José foi estúpido; é vulgar. Madame Putifar é que não compreendo.

—É mais vulgar ainda o despeito, do que a lealdade. José pode ser um mito: judaico, cristão, católico, isto é, a imagem do Messias, de Jesus, do Deus-Homem, vendido pelos seus, por miseráveis dinheiros, que sofre todas as tentações, é imolado, e ressurgue na glória. Mito árabe, muçulmano, mais alto e mais largo ainda: a beleza de José seria imagem de perfeição divina e a paixão irreprimível de Madame Putifar, símbolo do elance da Criatura para o Criador. Isto tudo partiu apenas de um rapaz bonito, e inteligente, e leal, que encontra, naturalmente, a



inveja dos irmãos, o despeito de uma mulher apaixonada, e a cegueira de um marido condescendente.

—Porque chama condescendente a Putifar?

—Porque não acreditou completamente no que lhe referiu a mulher, e, entretanto, puniu, parcialmente, o donzel que lhe preservou a honra.

—Não entendo...

—Quer que lhe conte toda a história?

—Sabe-a tão bem... que é como própria... disse-me, sorrindo intencionalmente. Conte lá...

Não fiz caso da alusão, e continuei:

—Na tradição bíblica, como se deve lembrar, há a tentação, várias vezes, por fim a scena do manto. Os criados são os primeiros a saber, e depois Putifar. Ora este, se acreditasse completamente na história, tendo direito de morte sobre o escravo, ou sobre o sujeito que lhe tentara contra a mulher, não se limitaria a transformar o delito em crime comum, de prisão, sob a real jurisdição de Faraó. Putifar, parece, deu apenas satisfação à opinião pública, excitada pelo depoimento da mulher, mas libertou o escravo da sanção sua e dela, de senhores, lançando-o em prisão comum. Entretanto a complacência de Putifar foi com a mulher, e não com José: a este fez a meia injustiça, que o obrigaram a fazer...

—Bem deduzido... Como advoga bem a causa do outro!

—Digamos a causa... comum. Mas não é tudo. Na tradição árabe, que veio ter ao *Koran*, é diferente o romance ou o mito. Zuleika, —era o nome dela, —apaixonada pelo jovem hebreu, fecha as sete portas do seu apartamento, e diz-lhe: «Vem cá». Ele se recusa, é tentado a ceder, recebe auxílio divino —só ele nos defende das mulheres— e triunfa, como Napoleão, muito mais tarde, reconhece que é o único meio de triunfar de mulheres... «fugindo». Ela corre atrás d'ele, para retê-lo, agarra-lhe na túnica, e, já à

porta, encontram Putifar. Como era natural, ela se defende, acusando: «Ele quisera atentar contra sua honra». José não foi cavalheiro, e confessor: —«Foi ela quem me solicitou ao mal...» Um velho parente intervem com aquela subtileza sulcimânica que decide os litígios no Oriente: «Se a túnica está rasgada na frente, a mulher diz a verdade; se atrás, é o rapaz quem tem razão». O marido examina a túnica, e Zuleika é confundida. —«Aqui está a prova de tua iniquidade e tua mentira. José, não te inquietes por isso. E tu, mulher, pede perdão de tua falta, porque pecaste...»

—Acomodado, o tal Putifar...

—Escapara da infidelidade da mulher, graças à virtude do hebreu, devia a ele ser grato... Quanto a Zuleika, o melhor seria não insistir, porque, com esse, ou com outro, o que ela queria, o inevitável, sucederia. Putifar na sua generosidade foi sábio.

—«*Le cocu magnifique*», de Crommelynek, *avant la lettre*...

—Seja... Mas, peor que um marido, é a opinião pública. As más línguas puseram-se a comentar. Madame Putifar quis tirar sua vingança, justificando-se. Convidou a essas mulheres virtuosas para um banquete e a cada uma delas deu, em certo momento, uma laranja e uma faca afiada, e fez José aparecer. De tal belo, tão extáticas ficaram tôdas, que, por distração do que faziam, cortavam os dedos, exclamando:

—«Não é uma criatura humana, e sim um anjo: Deus que nos preserve d'ele!»

E tôdas deram razão a Zuleika, já induzidas também em tentação. Declarou ela então que, se, de outra feita, elle lhe resistisse, seria condenado à prisão. Foi o que aconteceu, e razoavelmente, segundo aquelas severas matronas. Putifar apenas colaborou no castigo, rendendo homenagem à opinião pública.

—Portanto, no consenso geral, José fez tristíssima figura...

—Para Putifar, não. Também não para sua consciência... Um *gentleman*, José. Não traiu a hospitalidade...

—Não haveria outra razão? disse sorrindo, intencionalmente, à intenção que achou na réplica.

Creio que empalideci, perturbado. Não quis, porém, ser mais explícito. Representei de José até o fim, não querendo prosseguir pelo caminho para que me chamava, fingindo não compreender. Dinah viu que lhe reservava o destino o papel de Zuleika, e mordeu o lábio. Consigo pensou talvez:

—O tempo não os mudou, os homens: continuam estúpidos...

Ao outro dia quando me dispus a sair do meu quarto, com surpresa me disseram que os meus amigos tinham partido... Não era possível! Partiram, sim senhor! Acharam fatigante e sem graça o deserto, e tornaram a Kênê. Ou, então, alguma coisa fê-los se arrependem da excursão...

O árabe sorria à peça que me tinham pregado. Toda a caravana partira, de manhã cedo, deixando-me ficar! A surpresa irritada, aflita e indagadora, que me lera no olhar, respondeu num mau francês mastigado, porém expressivo:

—Alguna o senhor fez... para eles o deixarem sôzinho no deserto... A mulher estava de rosto fechado e o marido sorridente...

Não pronunciei palavra, como não compreendendo ainda. O árabe subtilmente continuou:

—Ela teria despeito, e elle se vingava... Se não compreende, leia a Surata de Iosuf, no *Koran*... Um destes dias, uma caravana o poderá levar a Kênê, para onde eles tornaram; talvez os encontre em Luksor ou Assuan. Lembre-se então que é perigoso contrariar as mulheres, segundo diz o provérbio franco: o que elas querem é o que Allah quer...

Não direi meu aborrecimento irritado a essa decepção. Tiraram-me do meu confortável caminho, para me deixarem, á míngua, no deserto... Mulheres!

Dias depois pude enfim alcançar condução para Kênê, onde no hotel, vi no registo o nome dos meus amigos:

Mr. and Mrs. George D. Levy, of Rochester, N. Y., U. S. A.

Uma letra feminina acrescentava: «enviar qualquer correspondência para o «Winter Palace», em Luksor». Seria dela e era um aviso. O hotelheiro, notando que eu reparara, sorriu. Perguntei a razão, desconfiado que todos me sabiam a desventura. Era um grego subtil como todos os de sua nação; com olhar intencional, e abaixando a voz, informou:

—Insistiu a senhora que lho dissesse, se o senhor não viesse a reparar no registo...

Todos sabiam e eram mais ou menos cúmplices da minha aventura. Mordi o lábio despeitado. O homem subtil não se deteve na comunicação.

—Ela estava triste e apreensiva, indagando da frequência de comunicação entre Bir-Ambar e Kênê; o marido, porém, alegre e generoso, não discutiu preços e deu boas gorjetas. O deserto tem seus mistérios...

Dei-lhe as costas, punindo a indiscreção, e procurei saber da hora do expresso para Luksor.

Ao outro dia, no *hall* do Winter Palace, em Thebas, folheava uma revista, na Infalufada dos «touristes» que entravam e saíam,





Enquanto o marido partia, propus-me a acompanhá-la um instante, antes de ir à minha excursão. Acentuei isto. A sós, ela me olhou, intencionalmente, nos olhos :

— Espero que me tenha de facto, perdoado... Se soubesse como me arrependi...

Olhei-a também, significativamente, o olhar já quebrado.

— Verifiquei isto, desde o endereço deixado no hotel de Kênê. Depois, a lição foi proveitosa...

— Realmente?

Disse-me esta palavra, em um timbre pesado de indagação e de promessa, com a maior naturalidade. Tomou-me uma resolução inopinada.

— Se, em vez de ir a Karnack, ou aos antiqúrios, conversássemos, juntos, a sós?... Tenho tanto que dizer-lhe, de minhas reflexões, nestes dias...

— Aonde?

— Onde quiser... No nosso hotel, no seu apartamento...

Ela ficou um momento indecisa; depois, abaixando o olhar, sem me olhar :

— No seu quarto... daqui a um instante...

— Segundo andar, 236, não precisa bater, empurre a porta...

*
*
*

no brouhaha, de inglês, francês, alemão, italiano, árabe, que se ouvia à passagem, de viajantes e guias, quando senti me baterem no ombro. Ergui a cabeça e, tomado de emoção, levantei-me, era Levy, e a mulher, a pequena distância. Com um gesto cordial ele me estendia a mão.

— Que bela peça lhe pregamos!... A excursão não prometia agradável. A 60r local pode-se colher mesmo em *sleeping-car*. Resolvemos voltar...

E ria, sob o nariz adunco, um riso fácil, em que a ironia se misturava à indulgência.

Não soube o que responder. A um olhar que dei à senhora, imóvel, numa atitude de expectativa embaraçada, o marido ajuntou :

— Dinah ficou apreensiva, porque podia o gracejo ter sido forte de mais, e você ficar zangado...

Tomei o meu partido, não fazer conta do passado e concertar com eles, como se nada houvesse. Mudaram ambos de humor, melhor para mim. Sorri também e acrescentei :

— Não fica entretanto nisso. A gente de minha raça é vingativa... Esperem a represália...

A pesar de dizer isso sorrindo, senti que lhe passava, nela, no seu rosto cor de mel doirado, uma chama de alegria. E beijei-lhe a mãozinha, que me estendia, vindo ao meu encontro.

— Sem rancor? ...

— Que vamos fazer hoje?

— Eu vou ao templo de Karnack.

— Vim-lo ante-ontem. Vou hoje ao Vale dos Reis.

Dinah, um tanto cansada, ia apenas à cidade fazer compras, nos antiqúrios. No rosto do marido passou uma inquietação.

— Cuidado com essas antiguidades... são fabricadas em Viena ou Munich. Mesmo as de Moushasseb e Megid. Prudência... Fazer o preço longe dos «dogmans», aconselha o Baedecker.

A inquietação era pela pecúnia: fiquei descansado.

Separámo-nos; instantes depois, reunimo-nos. Preciso dizer o resto? Compreende-se.

Quando consegui, depois de algum tempo, pôr uma pausa, ou intervalo, no seu e no meu ardor, perguntei-lhe pela surpresa de Bir-Ambar.

— Despeitada com a tua recusa, de José, vingnei-me como Zuleika. Putifar castigou-te, com o abandono no deserto. Disse-lhe que começavam a me cortejar, com insistência, e isso me era incômodo. Resolvemos deixar-te, significando o nosso desagrado. file ficou radiante, porque viu nisso a certeza de minha virtude. Depois, arrependida, procurei convencê-lo que tínhamos feito uma imprudência, dando a ti, e a estranhos, uma noção de risco ou receio, sem razão, dada a minha segurança. — De facto fomos imprudentes, disse-me então. — E se ele reaparecer? perguntei. — Reccebê-lo-emos como se nada houvesse... deve ter aproveitado a lição, e estaremos todos tranqüilos...

Tomei-a de novo nos meus braços e provei-lhe, uma vez mais, que não há tranquilidade no amor dos moços.

Depois, muito depois, ela quis saber por que também José tinha mudado de propósito :

— Após a prisão, ou o castigo, sem culpa, Putifar já não tinha direito à lealdade do escravo ou aos escrúpulos do hóspede. Demais, já não o sou.

— E Zuleika?

— Tinha o direito ao amor que inspirava, desde o primeiro olhar, e que outro sentimento, ou dissentimento, impedia manifestar-lhe...

Ela reflectiu um instante, e, depois de um beijo de gratidão, disse-me, a voz comovida :

— Para Zuleika foi mais. Ela sabia que hoje, amanhã, depois, venceria a tentação. Seria fácil, e sem gosto: apenas a paciência de esperar. Um sofrimento no caminho, e eis o amor combatente e insubmisso. Tudo desaparece, razão, escrúpulo, consciência, dian-

te do amor que sofre. A facilidade é a morte do amor, de todos os amores, que fingem apenas subsistir no hábito, nas conveniências... Sofrer por amor é que é amor... venha o resto, ou não venha, já se amou...

— O resto é, entretanto, indispensável...

— Pensam assim, materialmente, os homens; nós outras, mulheres, somos diferentes: amamos amar. E no que amamos está incluído o que sofremos. E que delícia, quando se vem a amar, depois de ter sofrido por amor! Foi assim a história de Iosuf e Zuleika, porque, estou certa, depois da prisão, eles se encontraram, para o amor...

— ...O «resto»... E tanto foi esse amor, que dele o próprio Putifar ficou tocado, e, como era cunco, segundo a Bíblia, deu a esposa, que tinha como filha, por mulher, ao hebreu: o sógro de José chamava-se Putifar, e há de ser esse mesmo...

— Isto tudo se não daria, ou seria banalíssimo, sem o sofrimento de amar.

— «Madame Putifar ou o sofrimento por amor», eis uma linda história...

Voltemos a nós e, discretos, calámo-nos, sem poder dizer mais... Era, sem palavras, o melhor comentário.

George D. Levy, de Rochester, N. Y., U. S. A., que se rira da peça pregada em Bir-Ambar, devia pensar de outro modo, se soubesse do resto. Mas Putifar nunca sabe de nada, senão do que lhe conta a mulher. Daí o castigo, na inocência, e o perdão, na culpa. Instintivamente, a felicidade, que repele a certeza, tomou por aia a ilusão. E está contente.

AFRÂNIO PEIXOTO.

(Da Academia Brasileira)



AS CRIANÇAS E AS SUAS DORES DE ALMA



gestivo título de *Misunderstood*—o incompreendido—o protagonista, um rapaziño de 8 anos, sofre horrores, porque ninguém quer saber da sua pequenina alma, que se mortifica por tudo quanto em sua volta se passa, que êle comprehende muito bem, mas que tôda a família julga ser capaz apenas dessas pequenas maldades e traquinices próprias da sua idade.

O coração das crianças é duma pasmosa sensibilidade. Nas coisas mais fúteis ela se manifesta.

Quando lhes recusamos o brinquedo apetecido ou quando lhes deitamos fora, desapiedadamente, sem atendermos os seus rogos, essas ninharías com que elas se divertem e a que nós chamamos porcarias, elas sofrem, como nós, os adultos, sofreremos, quando um nosso desejo se perde ou quando alguém nos cerceia as ilusões.

Nós começamos muito cedo de posse da nossa sensibilidade psíquica.

Há quem se recorde de factos e impressões, a partir dos dois anos de idade.

Anatole France foi assim precoce. E, no seu livro *Petit Pierre*, conta-nos tôdas as



tôdas as estantes dos lares que uma criança alegre com seus risos e folguedos.

Esta idéa errada acerca da sensibilidade das crianças faz com que os pais sejam os algozes inconscientes desses pobres pequeninos, que sofrem tanto por se verem mal compreendidos, sem saberem ainda explicar-se.

É preciso respeitar as dôres infantis, pensá-las até com os nosso carinhos e os nossos cuidados.

É tão frágil uma criança...

Não devemos vexá-la, fazendo pouco e rindo das suas lágrimas.

Exactamente porque não sabem ainda bem definir o que as faz sofrer e o que as martirisa, porque são prêsas do desconhecido que as assusta, exactamente por isso—e muito é—nós devemos com as nossas meiguices sossegar a alma das crianças e evitar-lhe sobressaltos.

Têm tanto tempo para sofrer e têm a dôr tão certa...

Coitadinhas, não lhes antecipemos a quadra da amargura.

MERCEDES BLASCO.



Muita gente não faz caso das lágrimas das crianças, julga-as sempre causadas por birra ou rabugice própria de seus verdes anos.

As suas lágrimas são apenas e sempre para essa gente, simplesmente o produto de uma acção puramente fisiológica. Não admitem de maneira nenhuma que a criança saiba já sofrer.

Como se enganam e como são cruéis, inconscientemente levados por um êrro de interpretação, êsses que assim pensam sobre a alma de seus filhos.

Num delicioso romance inglês, que é pena não estar traduzido para desvendar os mistérios das dôres infantis àqueles cuja acuidade de percepção e sentimento não passa da cravêira vulgar, romance que tem o su-

torturas e tôdas as angústias do seu coraçãozinho infantil, justamente porque seus pais não acreditavam que êle «sentisse».

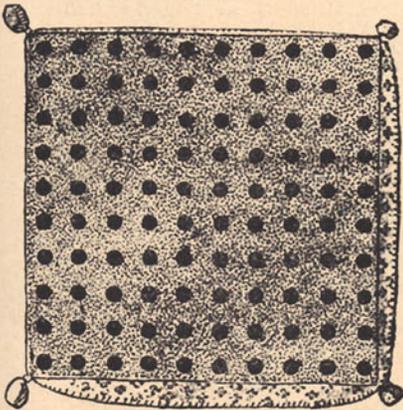
Lindo breviário das mães, êsse livro, assim como o outro já citado, devia estar em



Passatempo

A ALMOFADINHA E OS ALFINETES

(Problema)



Representa esta gravura uma almofadinha em que estão cravados cem alfinetes, em dez filas, de dez alfinetes cada uma.

Deseja saber-se qual a maneira de traçar sobre essa almofadinha, um quadrado perfeito, dentro do qual se compreendam quarenta alfinetes.

■ ■

O frêguês: — Realmente, acho que o senhor me podia dar uma toalha mais limpa.

O barbeiro: — Decerto, se V. Ex.^a o deseja; mas esta há quinze dias que anda a servir e ainda ninguém se queixou.

■ ■

Ele: — Julgas então que sou um perfeito idiota?

Ela: — Não; não há ninguém perfeito.

■ ■

Médico novo: — Aquele meu cliente imagina que tem a apendicite.

Especialista: — É o que imagina o meu amigo que ele tem?

■ ■

Pequenita, muito virtuosa (para o irmãozinho que foi castigado por ser apanhado a roubar doce da despensa): — Olha, a culpa é tua. Não te dizia a consciência que podia estar alguém a ver?

■ ■

Ele: — Há umas poucas de semanas que tenho uma pergunta para lhe fazer.

Ela: — Então despache-se. Há uns poucos de meses que eu tenho a resposta para ela.

A TESOURA ENLEADA

(Solução)

Passa-se a azelha pelo anel oposto, e em seguida pelos bicos da tesoura, e esta fica livre.

■ ■

Passageira bonita, a bordo (para um marinheiro): — Navios assim grandes como este, afundam-se muita vez?

Marinheiro (atenciosamente): — Não, minha senhora; só uma vez.

■ ■

Um amigo de Tristan Bernard encontrou, certo dia, o grande humorista e ficou espantado de ver como o autor de «Triplepatte» levava dois pudins, um em cada mão, com o ar de precaução extrema com que se conduziram duas pedras preciosas.

— O que quer isso dizer, amigo? — perguntou — Deu agora em guloso, dessa maneira?

Ao que o humorista respondeu:

— Está enganado. Vou-lhe contar tudo. Outro dia, minha sogra, passando comigo defronte da montra do pasteleiro Durand, viu pudins como este e exclamou: «Dava metade da minha vida para comer um daqueles pudins inteiros!»

E sorrindo, com a sua simplicidade habitual, Tristan Bernard acrescentou:

— Já você vê... aqui lhe levo dois!...

ILUSÃO OPTICA



Recorte-se este círculo, e pregue-se sobre outro de cartão, atravessando-o no centro por um alfinete ou um palito, sobre o qual ele possa girar. Observar-se há, se o giro for da direita para a esquerda, que a banda exterior parecerá encarnada, e a que está mais próxima do centro, azul. As cores invertem-se hão, se o disco girar em contrário.

■ ■

Dois fanfarrões gabam os respectivos negócios. Diz o primeiro:

— Eu faço muito dinheiro!... Vê lá; só em correspondência vão-se três contos de réis de estampilhas por dia!

— E eu — redarguiu logo o segundo — também gasto imenso porque a minha casa é tão importante que na contabilidade para ir do «Deve» ao «Haver» tenho de tomar um «taxi»!



— Ó mãesinha, olhe! Um caranguejo que também está a tomar banho!

ALINE, perfumistas de Paris, apresentarão os seus produtos no Salão da "Voga" num dos mais originais "stands" daquele certamen

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

OBRAS RECENTES

J. L. VAUDOYER

Le Tapin, por Paul Bourget. Com a exactidão de que só é capaz o grande romancista, na novela que dá título ao livro evoca-se a atmosfera dos liceus do Segundo Império. As novelas seguintes apresentam a mesma segurança de técnica e uma emoção sempre delicada e moralizadora. 12 fr.

Une Fille de Han por Albert Gervais. Delicioso romance de amor que se passa na China de hoje, a China republicana, onde o bolchevismo tem feito larga sementeira. Livro assim, ninguém ainda se lembrara de escrever. 12 fr.

Le roman inconnu de la Duchesse d'Angoulême, por Robert Chantemesse. Curioso livro que obteve o Prémio Bordin. É enriquecido o seu texto com 8 gravuras *hors-texte*. 15 fr.

J'ai tué un ouvrier, por André Foucault. Nesta obra expõe-se com vigor o conflito existente entre o operário e o patrão. A seguir, no mesmo volume, aparece-nos o *Parrain corrompu*, com tons de sátira do sexo feminino. O autor publicou antes, entre outros, o livro *Bain du Sang* (10 fr.). O actual lê-se com igual ou ainda maior interesse. 10 fr.

Voyage à la République des Piles, por René Jouglet. Livro de sagaz e motejadora observação. 12 fr.

La Branche morte, por Edmond Jaloux. Três novelas bem gizadas e bem escritas, dum escritor que, pelas altas funções de crítico que exerce, tem grandes responsabilidades e as sabe manter. 12 fr.

De Docteur Bougrat n'a pas tué, por Stefani Martin. Obra notável quer pelas suas qualidades literárias quer pelo espírito de justiça que a anima. Títulos de alguns dos seus capítulos: O doloroso romance do Doutor Bougrat — O seu passado — O mais célebre processo criminal, o mais extraordinário caso de envenenamento... sem veneno. Etc. 12 fr.

Adonis-Bar, por Maurice Duplay. Romance enja escabrosidade de tema lança luz sobre um verdadeiro cancro social. 12 fr.

L'Absence et le retour, por Gilbert de Voisins. Romance com peripécias angustiosas, ao fim das quais o horizonte se alarga cheio de bela luz. 12 fr.

Ma vie pour la tiende, por Florence-L. Barclay. Trad. do inglês por E. de Saint-Segond. Estranha fantasia, muito dramática, da eminente autora do *Rosário*. Romance que pode ser lido por toda a gente, sem excluir a mocidade feminina. 12 fr.

Les Tourmentés, por Suzanne Martinon. Romance que analisa um drama conjugal. É escrito com muita sensibilidade. 12 fr.

Renault, por Martial-Piéchaud. A consciência dum pai que vê reflectida no filho as suas taras juvenis. A tragédia do remorso dessa consciência. 12 fr.

Magie Noire, por Paul Morand. Os negros, a sua vida, desde os que tocam jazz-band em Montmartre aos que vivem no coração das florestas africanas. Sobretudo na parte respeitante aos negros dos Estados-Unidos a documentação destas páginas é impecável. 12 fr.

Sa Majesté, por Pierre Dominique. Romance que confirma ao autor o título de um dos mais dextros romancistas de aventuras do nosso tempo. 12 fr.

Le Comique & le Mystère chez Proust, por Léon Pierre-Quint. Mais uma pedra para a cathedral magnífica que em honra de Marcel Proust a crítica francesa está erguendo. 25 fr.



Romancista, poeta e crítico de arte e *Merlino*, na verdade um dos mais flexíveis espíritos das letras francesas, a cuja obra, no seu conjunto, a Academia acaba de atribuir a sua suprema recompensa: os 10.000 francos do Grand-Prix de Littérature. Nasceu em 10 de Setembro de 1883.

Tem publicadas, entre outras, as seguintes obras (todas ao mesmo preço de 12 fr.): *Prémiers amours*; *Raymonde Mangematin*; *La Reine Évaoune*; *Peau d'ange*; *La maîtresse et l'amie*, romances; *Les Délices de l'Italie*, ensaios; e *Rayons croisés* (1913-1920), colectânea de poesias delicadas e magistralmente construídas.

Le Besoin d'Aimer, por Augustin Bar. Romance psicológico, dum fina análise de caracteres. 12 fr.

L'adore, por Jean Desbordes. Livro discutidíssimo, a ponto de se estabelecer em sua volta um verdadeiro duelo crítico. Ao passo que Max Jacob e Edmond Jaloux lhe gabam a singular frescura emotiva, considerando-o um livro singéno e maravilhosos, Jacques Maritain, por exemplo, fulmina Jean Cocteau, que prefacia o volume, por este se prestar a ser o padrinho dum obra diabólica. Quem terá razão? — 12 fr.

L'ombre du Maître, por Gaston Chérau. Romance modelar pela sua intensidade, pelo seu equilíbrio. Assunto: o homem que, por considerar a ternura uma fraqueza, fere os que ama com a rizeja do seu carácter. 12 fr.

La Maison de Laldere et de Léline, por Suzanne Normand. Romance da autora das apreciadas obras *Cinq femmes sur une galère* e *Tu aimeras dans la douleur*. Estudo interessante dum coração de rapariga. 12 fr.

L'Homme éternel, por J.-K. Chesterton. Trad. do inglês por Maximilien Voz. Edição nova e ordinária dum obra que, ao aparecer numa tiragem especial, obteve um grande êxito. 12 fr.

Une Princesse babylonienne chez les Druses, por Paule Henry-Bordeaux. A curiosa figura de Maria Tereza Asmar que teve o beryno nas ruínas de Nínive e procurou converter o Islam ao cristianismo. O malogro do seu sonho. 8 fr.

La vie des belles pourchassées, por Ernest

Thompson Seton. Trad. do inglês por Marc-Logé. O estudo dos animais, dos seus caracteres e das suas excentricidades. Volume que inaugura a colecção dos «Livres de Nature». 12 fr.

Vers Jérusalem, pelo doutor Henry Aurenche. Prefácio de E. Baumann. Em demanda da fé. Volume com 16 grav. e 1 planta. 25 fr.

Le Mariage de Hoche, por Mathilde Alanic. O sub-título da obra é este: *Le Roman de l'amour conjugal*. Livro comovente, preenchido pelas cartas delicadas e amorosas do grande soldado a sua mulher. 25 fr.

La Vallée du Silence, por J.-O. Curwood. Trad. do inglês por Louis Postif. Romance forte de cenários e de figuras. Interesse ao nível do que despertam todas as obras deste insigne romancista de aventuras. 12 fr.

Un parfum d'aventure, por Gabriel-Joseph Gros. A evocação da hora inebriante dos primeiros amores, feita pelo autor do *Le Meilleur de sa vie*, romance também (12 fr.). No livro de agora, escrito tanto para os que são moços como para os que já há muito transpuseram o pórtico de ouro da mocidade, há notas deliciosas de poema. 12 fr.

Goethe d'après ses contemporains, trad. do alemão por P. Amann & G. Waltz. Seleção de depoimentos e conversações. 18 fr.

Sur les ruines du temple, por Joseph Bonsivren. Colecção «La vie chrétienne». O que aconteceu ao povo hebraico depois da destruição do Templo. A evolução da raça, da religião e da mentalidade judaicas. 15 fr.

La chef de l'enigme anglaise, por Henry de Korab. A verdade sobre a situação actual da Inglaterra. 10 fr.

Le Mauvais Sorci, por André Beucler, laureado da bolsa Blumenthal de 1928. Romance que nos insinua que, sendo próprio do coração do homem alimentar a coragem, perdido está aquele que puser ao serviço do amor um coração brande, digno de bater no peito dum mulher. 12 fr.

Fête jaune, por Simone Téry. Alta reportagem enxertada num bom canheirão de notas de viagem. É a China o país em foco. A autora de *En Irlande* pinta-nos neste livro uma curiosa série de quadros do oriente convulso. 12 fr.

Le Dieu des Corps, por Jules Romains. A mística da união carnal. Renovador de temas, o autor tentou neste romance a reedificação do tratado do amor conjugal. 12 fr.

Werther ou Les Amours de Goethe, por Léopold Stern. Destas páginas sai a figura do célebre poeta alemão com a estatura dum grande amoroso. 12 fr.

«REVISTA DE LAS ESPAÑAS»

De dois em dois meses, pontualmente, faz-nos a sua agradável visita, com um novo tomo, a «Revista de las Españas», que, editada em Madrid pela Unión Ibero-Americana, se dedica ao fomento das relações de toda a espécie entre a Espanha e Portugal e os povos jovens que estas duas nações geraram na América. O seu último tomo, que abrange a matéria dos n.º 22 e 23, entre outros insere os seguintes curiosos artigos: *Interpretación Histórica de la España Contemporánea*, por Pedro Sáizna Rodríguez; *Vieja y nueva poesía*, por António Espina; *Crónica de Arle — El busto de Cervantes*, por Manuel Abril; e um estudo que propõe, igualmente deixámos para o fim desta menção e nos merece, a nós portugueses, especial interesse: *Después del Centenario — Camões y Góngora o Greco-Romano y barroco*, por Angel Valbuena Prat. Nele se marca a distância existente entre os dois grandes talentos literários, um representativo do século XVI e outro do XVII. É copiosa a informação nas secções respectivas, assim como é digna de nota a quantidade de boas gravuras que ilustram o texto.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações e consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑHA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$20
ÍNDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	65\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

TATA, "chapeliens en vogue", rua de S. Nicolau, serão triunfadores no Salão da "Voga"

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BILHO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Instrução da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de Estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÉLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSARAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VASCO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano
33\$00 65\$00 128\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR..... 36\$00 79\$00 138\$00
ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTIEM

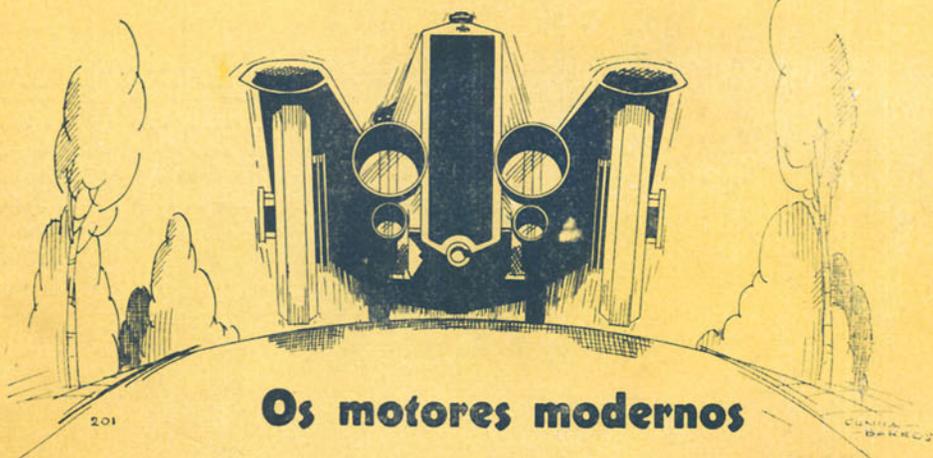
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



Os motores modernos exigem oleos apropriados

TABELA DE RECOMENDAÇÕES (PARCIAIS)

As indicações seguintes referem-se a carros de passageiros.

A Agência Gargoyle Mobiloil S.A.

MARCAS	1920
A.C. 6 e 1200 H.P.	A
• outros modelos	BB
Alfa Romeo	BB
Amical (4 cil.)	BB
• 6 cil. etc.	BB
Autony	A
Bentley	A
Buick	A
Cadillac	BB
Chandler	A
Chrysler	A
Clairet	A
Clairet	A
Chrysler Imperial 80	BB
• outros modelos	A
Citroën B 14 B 15	A
Dodge Brothers	A
Emerson	A
Enora	A
F.N.	A
Fiat 500	A
• outros modelos	BB
Ford modelo A	A
Hudson	A
Hupmobile (6 e 8 cil.)	BB
O.M. (6 cil.)	BB
• 4 cil.	A
Packard (6 e 8 cil.)	A
Panhard-Levassor	A
Peugeot 5 H.P. Quadriflora	BB
• outros modelos	A
Renault (6, 8, 15 H.P.)	A
• outros modelos	BB
Studebaker	A
Uta	A
Whippet	A

Esta Tabela de Recomendações foi compilada pelos engenheiros do Serviço de Automóveis da Vacuum Oil Company e representa o nosso conselho profissional sobre lubrificação de Automóveis.

Transmissão e Diferencial

Para a sua lubrificação pedite um Gargoyle Mobiloil C. C. ou Mobiloil em embalagem as indicações contidas na Tabela completa.

Ultimamente grandes modificações foram introduzidas na concepção dos motores.

Na maioria dos carros actuais o motor é de pequena cilindrada e alto regime. Para aumentar o rendimento foi aumentada a compressão. A alesagem é menor e o curso maior; as pressões são consideráveis, a temperatura em marcha, elevada.

Os motores modernos são construídos para resistir a esforços variáveis e sempre crescentes. É evidente que se a margem de segurança do óleo empregado não for estabelecida para fazer frente a estas novas condições a lubrificação torna-se insuficiente.

Os oleos GARGOYLE MOBILOil tem sido modificados à medida que os motores se vão aperfeiçoando.

O tipo de MOBILOil que indicamos para o seu carro tem a margem de segurança suficiente e necessária.

MOBILOil significa a perfeição resultante de 02 anos de especialização e estudos científicos.

Se a marca do seu automóvel não vem incluída na Tabela parcial ao lado, pode V. S. pedir-nos um exemplar gratuito do nosso folheto "Como cuidar do seu carro", onde encontrará a nossa Tabela de Recomendações completa, e muitos conselhos uteis ao automobilista que quer poupar o seu carro.



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações



Vacuum Oil Company